

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

FELIPE ANTONIO ALVARENGA PEREIRA

**O IMPACTO DA ANTROPOFAGIA TUPI
PARA O IMAGINÁRIO RELIGIOSO EUROPEU**

**Alfenas/MG
2022**

FELIPE ANTONIO ALVARENGA PEREIRA

**O IMPACTO DA ANTROPOFAGIA TUPI
PARA O IMAGINÁRIO RELIGIOSO EUROPEU**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Tadeu Siepierski

**Alfenas/MG
2022**

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central

Pereira, Felipe Antonio Alvarenga.
O impacto da antropofagia tupi para o imaginário religioso europeu /
Felipe Antonio Alvarenga Pereira. - Alfenas, MG, 2022.
65 f. -

Orientador(a): Carlos Tadeu Siepierski.
Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de
Alfenas, Alfenas, MG, 2022.
Bibliografia.

1. Antropofagia Tupi. 2. Imaginário Religioso. 3. Europa Moderna. I.
Siepierski, Carlos Tadeu, orient. II. Título.

Ficha gerada automaticamente com dados fornecidos pelo autor.

FELIPE ANTÔNIO ALVARENGA PEREIRA

O IMPACTO DA ANTROPOFAGIA TUPI PARA O IMAGINÁRIO RELIGIOSO EUROPEU

A Banca examinadora abaixo-assinada aprova a Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovado em: 7 de março de 2022

Prof. Dr. Carlos Tadeu Siepierski
Instituição: Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG

Prof. Dr. Paulo Romualdo Hernandes
Instituição: Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG

Prof. Dr. Marcos Roberto de Faria
Instituição: Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Tadeu Siepierski, Professor do Magistério Superior**, em 07/03/2022, às 17:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Romualdo Hernandes, Professor do Magistério Superior**, em 07/03/2022, às 19:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Roberto de Faria, Professor do Magistério Superior**, em 08/03/2022, às 00:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0687082** e o código CRC **DEBF9EA5**.

À Carne na Páscoa devorada renovando a aliança com o Sangue outrora Dele, agora meu!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Carlos Tadeu Siepierski por ter me convidado a experimentar o sabor antropofágico do saber antropológico sentando-me à mesa onde se come carne humana, obrigado pela paciência, empenho e grandes ideias que me inspiraram e permitiram organizar esse trabalho. Suas aulas são inesquecíveis.

Gratidão aos meus familiares e amigos que suportaram minhas ausências em prol da realização deste meu sonho, em especial, minha mãe Nadir e meus irmãos Daniel e Simão e seus filhos.

Agradecimento ao José Maria Henrique que partiu cedo demais, mas que foi essencial para que eu pudesse buscar essa Pós-Graduação, seu amor para comigo não foi em vão!

Gratidão à minha esposa Franciele por ter lutado comigo desde os tempos de namoro, por suas orações durante minhas viagens semanais à Alfenas e sua resiliência diante das minhas frustrações com as dificuldades do percurso.

Por fim, a meu pai Antonio Claret Pereira que se foi antes que eu pudesse embarcar nessa viagem, agradeço por ensinar tudo o que as palavras não abarcam, logo estaremos juntos!

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

A Antropofagia Tupi foi desvelada pelo descobridor europeu quando se deu a conquista da América, momento de turbulência no “Velho Mundo”, principalmente em relação aos conflitos religiosos originados pela Reforma Protestante, esta pesquisa consiste em compreender as características que compõe o imaginário religioso daquela sociedade; como diante do costume ameríndio de comer carne humana se portaram e até que ponto os problemas religiosos enfrentados em território europeu influenciaram a percepção da Antropofagia Tupi. Isto permite compreender o porquê do impacto causado pela antropofagia e compreender quais são os pressupostos existentes no imaginário dos europeus que os moveram a empreender a colonização daquela forma e não de outra como também promover um novo olhar acerca daquele que se horroriza. A pesquisa debruçar-se-á nas narrativas quinhentistas dos cronistas viajantes Gandavo, Hans Stáden, Jean de Léry e André Thevet como fontes e na historiografia produzida partindo do entendimento de Mircea Eliade sobre o imaginário religioso. Por fim, o maior objetivo é produzir um objeto de estudo para fazer chegar aos alunos de Ensino Fundamental e Médio os conhecimentos descobertos através desta pesquisa com o auxílio das tecnologias de informação e comunicação.

Palavras-chave: Antropofagia Tupi; Imaginário Religioso; Europa Moderna.

RESUMEN

La Antropofagia Tupi fue develada por el descubridor europeo cuando se produjo la conquista de América, época de convulsión en el "Viejo Mundo", principalmente en relación a los conflictos religiosos provocados por la Reforma Protestante, esta investigación consiste en comprender las características que configuran el imaginario religioso de esa sociedad; cómo se comportaron frente a la costumbre amerindia de comer carne humana y hasta qué punto los problemas religiosos enfrentados en territorio europeo influyeron en la percepción de Tupi Antropofagia. Esto nos permite comprender el por qué del impacto que provoca la antropofagia y comprender qué supuestos existen en el imaginario de los europeos que los movieron a emprender la colonización de esa manera y no de otra, además de promover una nueva mirada a quien está horrorizado. La investigación se centrará en las narrativas del siglo XVI de los cronistas viajeros Gandavo, Hans Staden, Jean de Léry y André Thevet como fuentes y en la historiografía producida a partir de la comprensión de Mircea Eliade de la imaginación religiosa. Finalmente, el objetivo principal es producir un objeto de estudio que acerque a los estudiantes de Educación Primaria y Secundaria los conocimientos descubiertos a través de esta investigación con la ayuda de las tecnologías de la información y la comunicación.

Palabras clave: Tupi Antropofagia; imaginario religioso; europa moderna.

ABSTRACT

Tupi Anthropophagy was unveiled by the European discoverer when the conquest of America, a time of turmoil in the "Old World", mainly in relation to the religious conflicts caused by the Protestant Reformation, this research consists of in understanding the characteristics that make up the religious imagination of that society; how in the face of the Amerindian custom of eating human meat they behaved and to what extent the religious problems faced in European territory influenced the perception of Tupi Antropofagia. This allows us to understand the reason for the impact caused by anthropophagy and understand what assumptions exist in the imagination of Europeans that moved them to undertake colonization in that way and not in another way, as well as promoting a new look at the one who is horrified. The research will focus on the 16th century narratives of the traveling chroniclers Gandavo, Hans Staden, Jean de Léry and André Thevet as sources and on the historiography produced based on Mircea Eliade's understanding of the religious imagination. Finally, the main objective is to produce an object of study to bring to Elementary and High School students the knowledge discovered through this research with the help of information and communication technologies.

Keywords: Tupi anthropophagy; religious imaginary; modern europe.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Apresentação do objeto de aprendizagem.....	15
Figura 2 - Abertura	16
Figura 3 – Orientações gerais	16
Figura 4 - Objetivos.....	16
Figura 5 - Exercício.....	17
Figura 6 - Preparação para o vídeo.....	18
Figura 7 - Vídeo.....	18
Figura 8 - Aula 2.....	18
Figura 9 - Apresentação do texto.....	19
Figura 10 - Texto base.....	19
Figura 11 - Finalização da aula 2.....	21
Figura 12 - Passo a passo de um ritual I.....	22
Figura 13 - Passo a passo de um ritual II.....	22
Figura 14 - Passo a passo de um ritual III.....	23
Figura 15 - Redação.....	26
Figura 16 - Atividades.....	27
Figura 17 - Caça-palavras.....	27
Figura 18 - Memorização.....	28
Figura 19 - Forca.....	28

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	12
2	PARTE I – APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM.....	14
2.1	INTRODUÇÃO.....	15
2.2	APRESENTAÇÃO DOS ITENS DE CONTEÚDO.....	17
2.3	AULA EM VÍDEO PARA CONTEXTUALIZAÇÃO.....	17
2.4	TEXTO PARA APROFUNDAMENTO.....	19
2.5	MÉTODO AVALIATIVO: PROPOSTA DE REDENÇÃO.....	26
2.6	ATIVIDADE PARA REVISÃO E APRENDIZAGEM: COMPLETE O TEXTO.....	26
3	PARTE II – PESQUISA HISTÓRICA.....	29
3.1	ANTROPOFAGIA TUPI NOS RELATOS DE VIAGENS.....	30
3.2	O RELATO DE PERO DE MAGALHÃES GÂNDAVO.....	32
3.3	A PERSPECTIVA RELIGIOSA NO TEXTO DE GÂNDAVO.....	33
3.4	ANTROPOFAGIA TUPI NO RELATO DE HANS STADEN.....	34
3.4.1	O rito antropofágico na descrição detalhada do Alemão.....	39
3.4.2	Antropofagia tupi e o imaginário religioso europeu no relato de Lèry e Thevet.....	42
3.4.3	A religiosidade dos tupis e a relação com a religiosidade do europeu.....	43
3.4.4	Entre o horror protestante e o assombro católico na descrição da antropofagia.....	46
3.5	DA ANTROPOFAGIA AO IMAGINÁRIO RELIGIOSO.....	47
3.5.1	O imaginário religioso europeu que urge diante dos relatos da antropofagia tupi.....	47
4	PARTE III – CONCEPÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM.....	52
4.1	POR QUE FAZER UM OBJETO DE APRENDIZAGEM?.....	53
4.2	ORIGEM DOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM.....	53
4.3	OBJETIVOS E DIRECIONAMENTOS DESTE OBJETO DE APRENDIZAGEM.....	54

4.4	EMENTA DO CURSO.....	55
4.5	OBJETO DE APRENDIZAGEM: LINGUAGEM TEXTUAL.....	56
4.6	MÉTODO DE UTILIZAÇÃO DO OA.....	56
4.7	AVALIAÇÃO.....	57
4.8	CARACTERÍSTICAS DO OBJETO DE APRENDIZAGEM.....	58
4.9	FUNÇÃO DOS REPOSITÓRIOS.....	59
4.10	ACESSIBILIDADE DO OBJETO DE APRENDIZAGEM.....	60
4.11	AS DIFICULDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS DO OBJETO DE APRENDIZAGEM.....	61
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
	REFERÊNCIAS.....	63

1 APRESENTAÇÃO

Revelar de maneira fidedigna o que era o ritual Antropofágico Tupi, assim como compreender o olhar europeu que debruçou-se sobre a Terra do Brasil durante o século XVI, olhar este que só pode ser descoberto se for levado em conta seu imaginário religioso, eis o objetivo desse Objeto de Aprendizagem. Ao olhar as fontes, emergirá como centro da discussão a cultura indígena de comer carne humana na América Portuguesa, considerada a maior prova da selvageria daqueles povos e motivador para o estabelecimento de uma grande empresa também de conversão. A partir disso, o intuito será desbravar o imaginário religioso, como ele influencia a maneira como tudo foi visto, adiante, o imaginário religioso europeu daquele período histórico é levado ao centro, aquele que foi revelado pelos relatos antropofágicos, seja do ritual em si, seja da cultura do povo que se propõe a comer carne humana. Concluído isso, será possível entender a obsessão antropofágica no horror do europeu descobridor.

Na primeira parte descortinaremos o Objeto de Aprendizagem em si, como ele está montado, suas características e objetivos, de modo que se possa vislumbrar já em primeiro plano o grande objetivo da Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas.

Na segunda parte, em um primeiro momento, a partir das fontes primárias: Pero de Magalhães Gândavo, Hans Staden, André Thevet e Jean de Lèry investiga-se os textos com o objetivo de descobrir excertos que permitem afirmar a contribuição do pensamento religioso na construção de seu imaginário acerca da Antropofagia. Após isso, postula-se a relevância da religiosidade na perspectiva do olhar europeu permitindo concluir a participação do imaginário religioso como um dos elementos centrais na composição de sua experiência com os ameríndios tupis.

Na terceira parte, que se refere ao objeto de aprendizagem no tocante a suas metodologias e objetivos, desenvolve-se estratégias didáticas através de tecnologias de informação e comunicação com o objetivo de transmitir o conhecimento construído no primeiro capítulo da pesquisa, por ser um assunto mais acessível e que provavelmente desperte maior curiosidade nos alunos.

O senso-comum jamais foi o lugar da ciência, e no estudo de história é preciso desfazer mitos, em nosso texto haverá o compromisso de não mais dizer o óbvio: A Antropofagia é um horror! Não que ela seja ou não, não é esse o objetivo

aqui colocado, mas porque ela horroriza e tantas outras coisas não, como morticínio ameríndio? É preciso investigar e aprender e encontrar formas dos estudantes também aprenderem, ainda que algumas histórias possam causar-lhes náuseas etnocêntricas.

PARTE I
APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM

2.1 INTRODUÇÃO

O Objeto de Aprendizagem virtual que é aqui apresentado apropriou-se do Xerte, que é um software livre, feito para colaborar com os processos de aprendizagens digitais e criar conteúdos interativos, essa plataforma acrônima de Xml Editor and Run Time Engine, está associada ao sistema Moodle da Universidade Federal de Alfenas.

Essa ferramenta foi selecionada porque os objetos de aprendizagens criados nela tornam-se disponíveis e podem ser utilizados tanto dentro das estruturas da UNIFAL como também pode servir em outros sites, podendo ser inclusive, reestruturados, reorganizados conforme a necessidade de ampliação, redução ou readequação do OA aqui apresentado. Seu acesso pode se dar por meio de computadores, smartphones, etc.

O link de acesso a ele é: https://ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/play.php?template_id=229.

A abertura do OA pretende apresentar o autor e o título do objeto, depois dar as boas-vindas ao estudante e ou ao professor com o intuito de tornar-se um ambiente propício e fecundo para o processo de ensino-aprendizagem. Ao fundo está a famosa pintura sobre a Antropofagia retratada nos textos de Hans Staden que ficará presente durante todo o OA.

Não foi nossa intenção num primeiro momento trazer qualquer tipo de conteúdo, de modo que o primeiro momento permita uma boa recepção do aluno convidado a estudar nosso Objeto de Aprendizagem.

Figura 1- Apresentação do Objeto de Aprendizagem



Fonte: Pereira, F. (2022)

Figura 2 - Abertura



Fonte: Pereira, F. (2022)

Figura 3 – Orientações Gerais



Fonte: Pereira, F. (2022)

Figura 4 – Objetivos



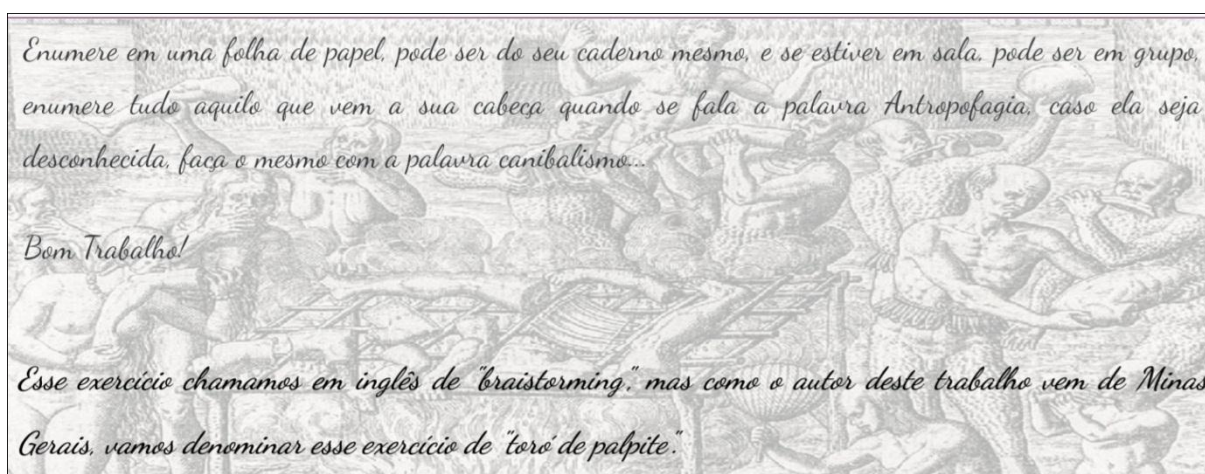
Fonte: Pereira, F. (2022)

2.2 APRESENTAÇÃO DOS ITENS DE CONTEÚDO

Após a abertura, a primeira aula procura introduzir ao conhecimento do professor e ou estudante sobre o tema do Objeto de Aprendizagem, para que ele possa, conforme for avançando, consolidar a temática apresentada para que no fim realize bem as atividades propostas.

Em todos os itens que possuem textos nas duas primeiras aulas, temos o áudio para que possa haver acessibilidade ampla ao conteúdo ali disposto.

Figura 5 - Exercício



Fonte: Pereira, F. (2022)

2.3 AULA EM VÍDEO PARA CONTEXTUALIZAÇÃO

Ainda na primeira aula temos a oportunidade de assistirmos a um vídeo aula sobre a Antropofagia Tupi, denominada como “Banquete Antropofágico”, ministrada pelo jornalista e escritor Eduardo Bueno.

A aula consiste em trabalhar os principais conteúdos da temática utilizando como texto base o livro “Duas Viagens ao Brasil de Hans Staden”.

Figura 6 – Preparação para o vídeo

Vamos começar nessa viagem, assim como os navegantes do século XVI que por aqui chegaram e encontraram o "Novo Mundo".

Primeiramente você deverá assistir ao link que está abaixo, para conhecer o Ritual Antropofágico ou nas palavras do jornalista Eduardo Bueno, que apresenta o vídeo, o "Banquete Antropofágico".

Tendo assistido ao vídeo, leia o texto na página seguinte: "Antropofagia Tupinambá", escrito por Felipe Alvarenga da Universidade Federal de Alfenas que produziu este Objeto de Aprendizagem.

Fonte: Pereira, F. (2022)

Figura 7 - Vídeo



Fonte: Pereira, F. (2022)

Figura 8 – Aula 2

A ANTROPOFAGIA TUPI

Aula 2

10 / 30

O que acharam do vídeo? Interessante não é mesmo?

Discuta com seus colegas e com seu professor sobre os assuntos que mais te chamaram a atenção nele e caso ficou alguma dúvida pergunte ao professor. Nas próximas telas iremos explicar um pouco mais sobre a Antropofagia Tupi.

Fonte: Pereira, F. (2022)

2.4 TEXTO PARA APROFUNDAMENTO

Após o vídeo, aquele que dispõe tem diante de si um texto de aprofundamento sobre a Antropofagia Tupi feito pelo mesmo autor do Objeto de Aprendizagem. Neste texto é possível chegar a conclusões acerca da relevância de tal temática.

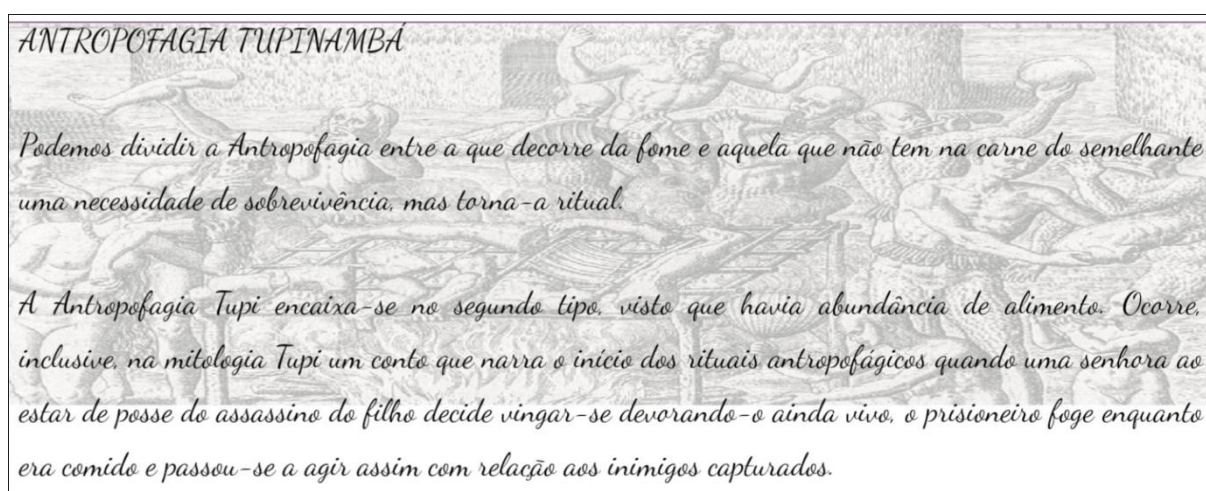
O texto apresentado possui duas laudas e também possui acesso de áudio para um resumo.

Figura 9 – Apresentação do texto



Fonte: Pereira, F. (2022)

Figura 10 – Texto base



Fonte: Pereira, F. (2022)

Aqui está o texto na íntegra:

Podemos dividir a Antropofagia entre a que decorre da fome e aquela que não tem na carne do semelhante uma necessidade de sobrevivência, mas torna-a ritual. A Antropofagia Tupi encaixa-se no segundo tipo, visto que havia abundância de alimento. Ocorre, inclusive, na mitologia Tupi um conto que narra o início dos rituais antropofágicos quando uma senhora ao estar de posse do assassino do filho decide vingar-se devorando-o ainda vivo, o prisioneiro foge enquanto era comido e passou-se a agir assim com relação aos inimigos capturados.

Primeiramente Antropofagia Tupi não é “comer homem” como etimologicamente se verifica na grafia grega, para os Tupi temos na Antropofagia a centralidade dos costumes, como relembra Carlos Fausto, os Tupi não se reuniam de outra forma a não ser nos rituais antropofágicos, por meses preparavam-se, divulgavam a festividade às tribos amigas e quando os comensais reuniam-se o que havia ali era bem mais que uma “ceia”, pois o espírito daquele que fora comido passaria a habitar os componentes das tribos presentes, principalmente daquele que desferia o golpe fatal, a este até o nome era mudado, inclusive não apenas o seu, mas dos familiares mais próximos. Aquele que capturava era tornado por aquele feito digno de exaltação podendo ao destacar-se dos demais ter condições de assumir papéis de liderança na tribo, até mesmo ascender ao posto mais alto devido suas conquistas na guerra de vingança que culminava no ritual antropofágico.

A guerra era sagrada e a paz não era sonhada, inclusive ter seu corpo comido pelos vermes após uma morte natural não era nem de longe a melhor opção, apesar de evitar a captura, o índio ficava honrado ao ser devorado e dar continuidade a vingança, pois algum daqueles que o matavam seria morto pelos seus como “retribuição”.

Ao evidenciar a Antropofagia ressalta-se o caráter transcendente de suas atividades, capturar o inimigo não era apenas uma atitude de guerra, mas, sobretudo de “vingança”. Para além das questões humanas, a perspectiva com a qual a vingança é justificada se dá na cosmologia da tribo que provém de uma visão religiosa de uma vida além do mundo físico, aquele que come vinga seu parente que foi outrora comido e o espírito deste torna a tribo de origem que posteriormente terá parte dela comida pela tribo do agora prisioneiro para da mesma forma apropriar-se do espírito daquele que agora é palco da vingança e do ritual.

Toda essa perspectiva do imaginário religioso indígena demora a ser percebido pelos descobridores que enxergam nada além do que seus próprios olhos são condicionados a ver. O que se segue é o maior processo catequético da história da humanidade, milhares de missionários jesuítas enviados pelo seu Superior Geral (com anuência e financiamento da coroa viajam além-mar) com o desejo de “salvar” os índios da selvageria de comerem-se uns aos outros, como também decretos e leis que facilitavam o processo de supressão dessas manifestações genuínas eram produzidos.

A conquista da América não somente pela espada, empreendida entre os séculos XVI e XVII no Brasil foi além da conquista territorial, o objetivo era conquistar as mentes, ou melhor, “conduzir todas as almas para o rebanho de Cristo” e neste objetivo os portugueses foram violentamente perspicazes. Mataram em combate, mataram na empresa pela mata, mataram através das doenças trazidas por eles, mataram a cultura Tupi, mataram a Antropofagia que consumia um corpo e este nutria toda a tribo enquanto toda a tribo devorada não foi capaz de saciar a fome do Imaginário Religioso de um europeu.

(...) Em menos de dois séculos, os numerosos Tupi foram varridos da costa brasileira – aqueles que não sucumbiram à violência, às epidemias e à fome fugiram para o interior. Ironias da História: o “amai-vos uns aos outros” da cultura cristã acabara por devorar o “comei-vos uns aos outros” da ética Tupi. De qualquer forma, porém, os Tupinambá conseguiram aquilo que desejavam os seus guerreiros: deixar memória de si. Mortos, acederam à imortalidade da lembrança (embora a seus parentes, não lhes tenha sido dado o direito à vingança). (Carlos Fausto em **História dos índios do Brasil**, 393)

Figura 11 – Finalização da aula 2

Finalizando a aula 2

13 / 30

Comentem com seus colegas e professor o que mais te chamou atenção no texto, conte para seus familiares e amigos. Tire suas dúvidas com o professor.

Na próxima aula conheceremos o ritual Antropofágico Tupi passo a passo e já poderemos fazer algumas atividades sobre o tema.

Fonte: Pereira, F. (2022)

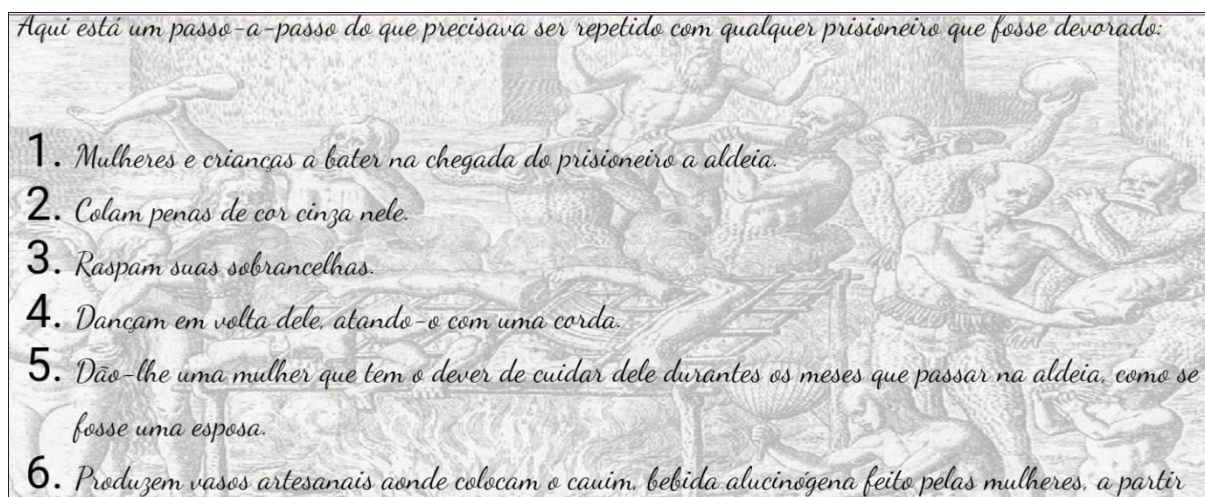
Na aula seguinte encontramos o segundo texto de aprofundamento, veja na íntegra;

Figura 12 – Passo a passo de um ritual I



Fonte: Pereira, F. (2022)

Figura 13 – Passo a passo de um ritual II



Fonte: Pereira, F. (2022)

Figura 14 – Passo a passo de um ritual III



Fonte: Pereira, F. (2022)

Nos capítulos XXVII, XXVIII E XXIX da segunda parte de sua obra, aquela que se dedica a explicar os usos e costumes dos Tupinambás, Hans Staden relata desde “Como fazem planos quando querem empreender uma expedição guerreira em território inimigo” (STADEN, 1974, 170) até “Os costumes festivos dos selvagens ao matar e comer seus inimigos e “Com o que matam a golpes os inimigos e como tratam-nos (STADEN, 1974, 173)”.

Desse modo, é possível a partir do relato de Hans Staden, conhecer como se dá o processo de captura e depois sacrifício do inimigo, e destacam-se os atos consecutivos que são empenhados pela tribo para cumprir plenamente seu ritual mais importante.

O mais longo capítulo de sua obra dita cinquenta atos Tupinambás durante o ritual antropofágico, haja vista que, os feridos de guerra durante a batalha eram devorados no local. é um passo-a-passo que precisava ser repetido com qualquer prisioneiro que fosse devorado dentro daquelas condições:

1. Mulheres e crianças a bater na chegada do prisioneiro a aldeia.¹
2. Colam penas cinza nele.
3. Raspam-lhe as sobrancelhas.
4. Dançar em volta atando-o.

¹ STADEN, 1974. Todos os 50 pontos referem-se à Segunda Parte do texto de Staden nos capítulos XXVIII, XXIX E XXX.

5. Dão-lhe uma mulher que o entretém.
6. Produzem vasos aonde colocam o cauim.
7. Confeccionam penas e os amarram à maça com a qual o mata.
8. Fazem uma grande corda para amarrá-lo durante a execução chamada muçurana.
9. Decidem a data de sua morte.
10. Convidam as aldeias amigas para o festim.
11. Enchem os vasos produzidos com cauim.
12. Levam o prisioneiro ao descampado para dançar em torno dele.
13. O chefe da cabana dá as boas vindas ao visitante.
14. Um dia antes de beber, amarram a muçurana no pescoço dele.
15. Pintam a ibira-pema.
16. Pegam cascas de ovo da ave macaguá e passam na maça.
17. Uma mulher faz um desenho a partir do pó feito da casca na ibira-pema.
18. As mulheres ficam em volta e cantam.
19. Penduram a maça num travessão dentro de uma cabana desocupada.
20. Cantam a noite inteira em torno da maça.
21. Pintam o rosto do prisioneiro.
22. Quando começam a beber o cauim fazem vir o prisioneiro.
23. Fazem-no beber com os selvagens.
24. Descansam no dia seguinte e constroem para o prisioneiro uma barraca no lugar que irá morrer na qual ele passa a noite.
25. Antes do amanhecer do dia da execução dançam e cantam ao redor da maça até o raiar do dia.
26. Tiram o prisioneiro da barraca e desmontam-na.
27. Soltam a muçurana de seu pescoço e passam em volta do seu corpo puxando dos dois lados, deixando-o amarrado no centro.
28. Põe a frente dele pequenas pedras, para que possa atirá-las contra as mulheres que andam em torno dele dizendo que querem comê-lo ameaçadoramente.
29. Fazem uma fogueira a dois passos do escravo.
30. Sua mulher vem correndo a sua frente com a maça erguendo os ramos de penas gritando de contentamento
31. Um homem pega a maça e apresenta ao prisioneiro.

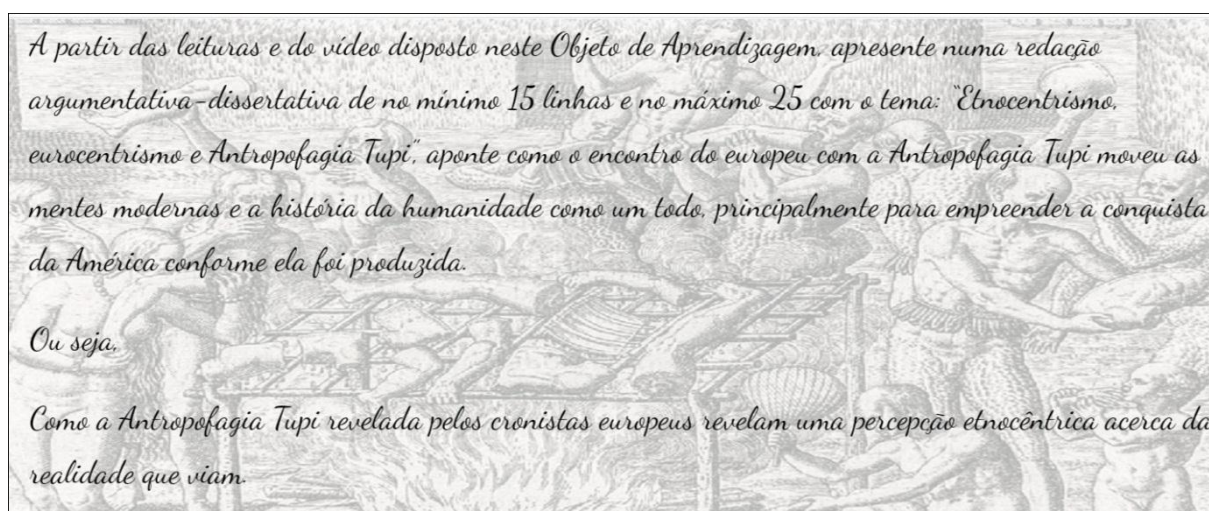
32. Aquele que o matará se afasta com treze que o pintam com cinzas.
33. Quando retorna recebe a maçã.
34. O chefe da cabana chega pega a maçã e passa uma vez entre as pernas do executor.
35. O matador pega a maçã de volta e diz: “Sim, estou aqui, quero mata-lo porque a sua gente matou e comeu muitos dos nossos”
36. O prisioneiro lhe responde: “Tenho muitos amigos que saberão me vingar quando eu morrer”.
37. Nisto, o algoz golpeia o prisioneiro na nuca jorrando o cérebro.
38. Imediatamente as mulheres pegam-no e arrastam-no para a fogueira.
39. Arrancam sua pele.
40. Tapam seu traseiro para que nada escape.
41. Um homem segura-lhe e corta as pernas acima dos joelhos e os braços rente ao tronco.
42. Depois de esquartejado as mulheres andam em volta das cabanas com os quatro primeiros pedaços gritando de contentamento.
43. Separam as costas junto com o traseiro da parte dianteira.
44. Dividem tudo entre si.
45. As vísceras ficam com as mulheres que fervem-nas e com o caldo fazem mingau para dar as crianças.
46. As mulheres comem as vísceras e a carne da cabeça.
47. Após tudo dividido, voltam para casa com seus pedaços.
48. Aquele que matou atribui-se um nome.
49. O chefe da cabana faz uma incisão com dente de animal na parte superior dos braços.
50. Durante alguns dias fica deitado na rede e dão-lhe arco e flecha para passar o tempo

Também neste capítulo temos o maior conjunto de imagens que até hoje são as principais quando se retrata a Antropofagia, algumas delas mostrando o ato de comer carne humana e outras mostrando os utensílios utilizados.

2.5 MÉTODO AVALIATIVO: PROPOSTA DE REDAÇÃO

Além de atividades lúdicas o nosso Objeto de Aprendizagem contempla uma proposta de Redação como forma de percepção da consolidação das atividades dos alunos, com o tema: “Etnocentrismo, Eurocentrismo e Antropofagia”, o aluno é convidado a manifestar sua compreensão acerca desses conteúdos.

Figura 15 - Redação



Fonte: Pereira, F. (2022)

2.6 ATIVIDADES PARA REVISÃO E APRENDIZAGEM: COMPLETE O TEXTO

Um conjunto de atividades está disposto após a apresentação dos conteúdos sugeridos, primeiramente um exercício de complete o texto e posteriormente caça-palavras, memorização de imagem e conceito e por fim um jogo de forca.

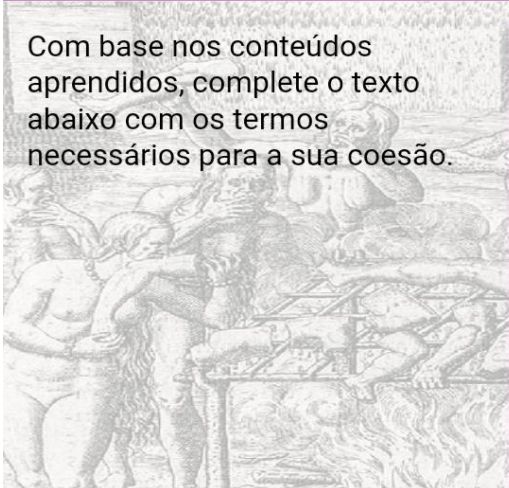
O objetivo desse perfil de atividades é motivar o estudante a rever os conteúdos de modo que ele possa sedimentar os conteúdos adquiridos e visitar os assuntos já vistos.

Figura 16 - Atividades

ANTROPOFAGIA TUPI
COMPLETE O TEXTO

Com base nos conteúdos aprendidos, complete o texto abaixo com os termos necessários para a sua coesão.

Primeiramente Antropofagia Tupi não é “
[] homem” como
etimologicamente se verifica na grafia grega, para os Tupi temos na Antropofagia a centralidade dos costumes, como relembra Carlos Fausto, os Tupi não se reuniam de outra forma a não ser nos [] antropofágicos, por meses preparavam-se, divulgavam a festividade às tribos amigas e quando os comensais reuniam-se o que havia



Fonte: Pereira, F. (2022)

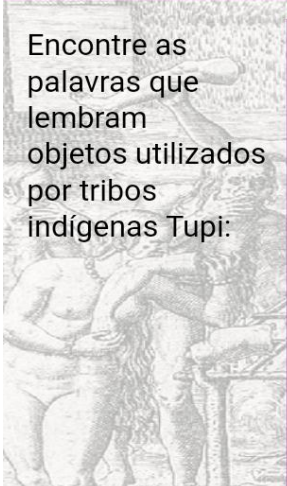
Figura 17 – Caça-palavras

ANTROPOFAGIA TUPI
Caça-palavras

Encontre as palavras que lembram objetos utilizados por tribos indígenas Tupi:

M	D	R	B	O	F	M	D	J
U	R	V	L	H	I	N	G	H
Ç	R	T	G	U	T	P	O	Y
U	U	A	A	B	U	R	B	G
R	A	C	G	K	C	Y	S	V
A	V	A	T	M	E	Y	O	O
...

ibirapema
muçurana
tacape
maça
cauim



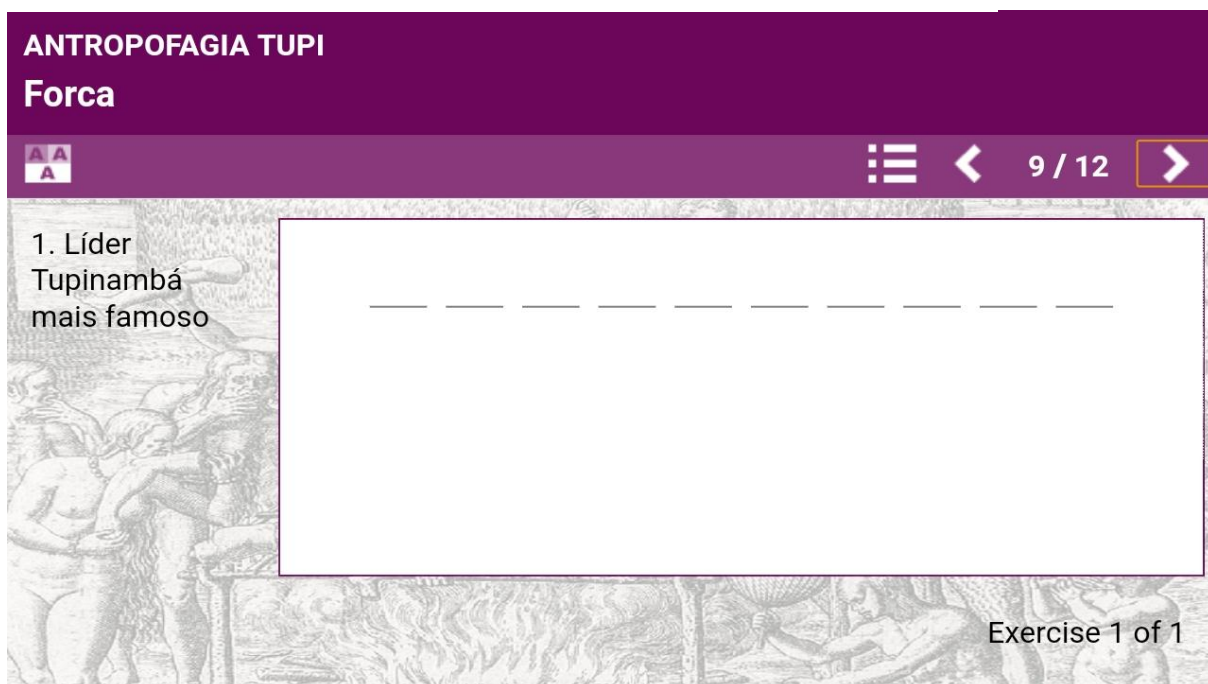
Fonte: Pereira, F. (2022)

Figura 18 - Memorização



Fonte: Pereira, F. (2022)

Figura 19 - Forca



Fonte: Pereira, F. (2022)

PARTE II
PESQUISA HISTÓRICA

3.1 ANTROPOFAGIA TUPI NOS RELATOS DE VIAGENS

Em todo texto é preciso conhecer o remetente, o destinatário e o tipo de relato, verificar o denominador comum nos relatos e olhar com mais critério as informações que nos chegam. Uma literatura de viagem é um discurso histórico não ligado ao “real”, trabalhando relações ideológicas, de poder e domínio, de tempo e contexto, de civilização e sociedade. A viagem é uma metáfora da memória coletiva de uma sociedade, no caso das fontes dessa pesquisa, a ocidental. (TODOROV, 2006, 230)

É preciso descobrir quem fala; como foi produzido o discurso e com qual objetivo o imaginário que condiciona o olhar e o discurso. Isto nos interessa para descortinarmos a sociedade que retrata e não a que é retratada porque quando entramos em contato com vários tipos de discursos retiramos um denominador comum, assim, podemos saber como era o Brasil do século XVI (TODOROV, 2006, 231) e, por conseguinte, o europeu e seu imaginário.

A seguir, Todorov (2006, 232) acentua a condição daqueles que receberiam os relatos de viagem para serem lidos e expõe o seu não ineditismo:

Os leitores e os ouvintes não ficam, portanto, abalados quando chegam os primeiros relatos das novas descobertas, e pode-se imaginar que os próprios viajantes que tinham sido também leitores e ouvintes, não ficaram mais abalados.

Dito de outro modo, os europeus já conhecem, por seu próprio passado e presente, a pluralidade das culturas; dispõem, por assim dizer, de um compartimento vazio onde podem colocar as populações recém-descobertas, sem que isso perturbe sua imagem global do mundo.

Além disso, devemos recordar que estas obras atendem uma demanda que invadia distintas searas da sociedade europeia, pois, animava leitores assíduos destes textos, fazia lucrar aqueles que viviam disso e por fim, mantinham o imaginário coletivo em ordem, embora isto esteja interiormente instalado em todos. O relato, ao mesmo tempo em que valoriza o objeto, satisfaz seu narrador.

Segundo Tzvetan, o ponto principal que caracteriza um relato de viagem é a tensão observada entre sujeito e objeto, uma “narração pessoal e não descrição objetiva”, sem deixar de estar embebida de situações exteriores, de viagens maravilhosas, ou seja, de um lado a ciência e do outro a autobiografia limitam esta literatura que se orienta da relação das duas (TODOROV, 2006, 240).

Sempre se trata da descoberta do outro feito por alguém que, de início, não é escritor de ofício, mas que é muitas vezes “forçado” a expor suas memórias, possuindo desse modo um acervo excepcional que o engrandece, mas que após narrado retorna a sua origem de não escritor.

Na citação abaixo é asseverado pelo antropólogo a relação indispensável entre narrador e leitor para a construção do texto a ser exposto revelando que o segundo influencia o primeiro:

Penso então que, ao lado da primeira relação de alteridade, a existente entre o narrador e o objeto de sua narração, há uma outra mais atenuada, é verdade, entre o leitor e o narrador que não devem participar exatamente do mesmo quadro ideológico. A descoberta que o narrador faz do outro, seu objeto, o leitor repete em miniatura, em relação ao próprio narrador; o processo de leitura imita, certa medida, o conteúdo do relato: é uma viagem no livro. Essa distância entre narrador e leitor não pode ser fixada com exatidão; mas eu diria, para marcar o limite, que é preciso pelo menos uma geração separando os leitores dos autores. (TODOROV, 2006, 241)

Aqueles que escrevem são conquistadores, colonialistas, tratando-se de militares, de comerciantes, de religiosos protestantes ou católicos, para Todorov isso possibilita uma situação genuína em que aquele que se debruça sobre o outro tem certeza de que lhe é superior. Aquele que lê também faz essa experiência, de dominação. (TODOROV, 2006, 241)

Portanto, os relatos de viagem ao novo mundo descoberto no século XVI, que configuram fonte desse trabalho e foco principal desse capítulo, expõem sempre o discurso de um lado da história.

Dessa forma, o Brasil, conforme salientado por Todorov, nada mais é que fruto da mente europeia do século XVI, de modo especial, a mente portuguesa, por

consequente, são os viajantes exilados nos trópicos que deformam-no irreversivelmente. Desse modo, não podemos crer naquilo que é contado, mas sim naquilo que surge a partir do confronto entre relatos.

3.2 O RELATO DE PERO DE MAGALHÃES GÂNDAVO

Gândavo é natural de Braga, portanto, consistindo na única fonte principal dessa dissertação nascida na Península Ibérica, O seu texto “Tratado da Terra do Brasil” é o primeiro trabalho seu dedicado a registrar a história da nova colônia portuguesa na América. Próximo de Luís de Camões, ele liderava uma escola em Portugal, considerado culto e bem relacionado com a elite portuguesa. A impressão deste texto se deu em 1576. (GÂNDAVO, 2008, 16)

Sua passagem nas terras portuguesas, salvo polêmicas com relação a sua estada ou não, deu-se no governo de Mem de Sá entre os anos de 1558 e 1572.

Por nomear “tratado”, quis o autor descrever as riquezas da terra, os recursos naturais e sociais nela existentes com o objetivo de propagandear nas terras lusitanas o Novo Mundo e assim animá-los para vir nela estabelecer povoações. Portanto, seu objetivo é claro: utilitário. (GÂNDAVO, 2008, 21)

Seu texto divide-se em duas partes, e na primeira inicia-se com dedicatória, prólogo ao leitor e explicações geográficas sobre o território, ao que se segue de nove capítulos, sendo que oito deles versam sobre as capitânicas e um sobre os gentios.

A segunda parte é destinada a examinar assuntos gerais com mais nove capítulos sendo oito a navegar sobre as características naturais dos territórios e uma sobre a condição e costume dos índios.

Entretanto, o capítulo que diz respeito ao ameríndio possui um maior destaque, o qual analisaremos a partir daqui, pois nele consta o imaginário religioso europeu, principalmente com relação aos costumes indígenas, mais precisamente, a antropofagia que nos permitirão a construção teórica do imaginário religioso que possuíam.

Há que destacar-se que em outros trabalhos sobre Gândavo ver-se-á uma grande relação dos seus textos e o imaginário religioso europeu diante da simbologia do mal, nela teremos o diabo que vem habitar a Terra do Brasil, brasa

assim como o inferno, após ter sido expulso da Europa pelos cristãos que tentam batizar o Novo Mundo de Terra de Santa Cruz.

3.3 A PERSPECTIVA RELIGIOSA NO TEXTO DE GÂNDAVO

Primeiramente é asseverado por Gândavo a permissão de Deus para a empresa conquistadora a partir da inimizade dos povos, visto que se assim não fosse, jamais a campanha lusitana teria algum sucesso, visto a população numerosa de silvícolas.

Não se pode numerar nem compreender a multidão de bárbaro gentio que semeou a natureza por toda esta terra do Brasil; porque ninguém pode pelo sertão dentro caminhar seguro, nem passar por terra onde não acha povoações de índios armados contra todas as nações humanas, e assim, como são muitos permitiu Deus que fossem contrários uns dos outros, e que houvesse entre eles grandes ódios e discórdias, porque se assim não fosse os portugueses não poderiam viver na terra nem seria possível conquistar tamanho poder de gente. (GÂNDAVO, 2008, 65)

Diante disso, faz-se por bem elucidar que o texto de Pero de Magalhães Gândavo tem como objetivo, assim como tantos outros, propagandear em nome da coroa a condição do novo mundo como terra de riquezas e oportunidades, apesar de ilusoriamente aparentar que a descrição do índio torna-o truculento, a imagem que estes tinham entre os habitantes da Europa era muito pior, portanto, para o sucesso da empresa colonizadora fazia-se urgente a produção de uma literatura propagandística que permitisse ao europeu uma visão menos horripilante da terra de oportunidades, mas que por outro lado não fosse logo entendido como fantasiosa para iludir pretensos viajantes.

Na descrição de Gândavo são “mal agradecidos, desumanos e cruéis (...), desonestos e dados à sensualidade, entregue aos vícios” (GÂNDAVO, 2008, 134).

Ao relatar a guerra em terras americanas, Gândavo acentua a importância dos sonhos nos prognósticos de guerra (GÂNDAVO, 2008, 141) e da origem da vingança, de certa forma, tentando desnaturalizar a prática antropofágica

argumentando que foi iniciada através de um sentimento fortemente combatido pelos cristãos (GÂNDAVO, 2008, 142).

No trecho abaixo, a diferença de uso de fonemas entre povos torna-se metáfora sobre a razão da superioridade do europeu sobre o indígena, restando a ele o dever de ensinar o silvícola a obedecer um rei, a viver sobre uma lei e seguir a fé da Igreja Católica.

A língua deste gentio toda pela costa é, uma: carece de três letras – scilicet, não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assim não tem fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem sem justiça desordenadamente. (GÂNDAVO, 2008, 65)

No discurso português fica claro a razão do atraso daquele povo recém-descoberto, eles viviam na bestialidade, e por isso, cabia aos conquistadores lograr êxito não apenas na tarefa de povoar e submeter, mas também de catequisar e salvar aqueles que por Deus aos portugueses foi confiado este dever.

Não adoram cousa alguma nem têm para si que há na outra vida glória para os bons, pena para os maus, tudo cuidam que se acaba nesta e que as almas fenecem com os corpos, e assim vivem bestialmente sem ter conta, nem peso, nem medida. (GÂNDAVO, 2008, 67)

Gândavo ainda compara outra tribo, aimoré, dizendo que estes são ainda mais brutos e comem seus próprios familiares indicando ser uma morte melhor que ser comido pelos vermes. (GÂNDAVO, 2008, 150)

3.4 ANTROPOFAGIA TUPI NO RELATO DE HANS STADEN

Hans Staden era um alemão aventureiro que ficou conhecido por ter publicado em 1557 um livro sobre suas duas viagens ao Brasil. Não sendo altamente instruído, Hans teve o auxílio de Dr. Dryander, um autodenominado no prefácio “cosmógrafo e astrônomo amigo do nobre príncipe Felipe de Nassau”.

Nascido em Homberg em 1525 empreendeu sua primeira viagem a América nos idos de 1548, determinante para a fama de seu livro foi haver sido

prisioneiro dos Tupinambás, presenciar inúmeros acontecimentos épicos estando na companhia deles e descrever dezenas de costumes e objetos.

Após ser libertado viajou a vários países da Europa relatando suas experiências, ato que, segundo ele, era para exaltar “as misericórdias de Nosso Senhor”.

O seu texto é predominantemente embebido de sua moral religiosa protestante, como de costume na época, mas carrega informações valiosas e inovadoras sobre o Novo Mundo e os povos ameríndios. Atualmente, é conhecido no Brasil como “Duas Viagens ao Brasil”, mas seu nome original, quando foi lançado no século XVI, é:

História Verdica e descrição de uma terra de selvagens, nus e cruéis comedores de seres humanos, situada no Novo Mundo da América, desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas terras de Hessen até os dois últimos anos, visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a conheceu por experiência própria, e que agora traz a público com essa impressão. (STADEN,1974, 10)

Houve muita contestação sobre a veracidade² do relato e do autor segundo o prefácio da edição original. A obra de Hans Staden foi redigida por Dr. Dryander que se considera amigo do monarca Felipe de Nassau, da Holanda e a ele a dedica. Sobre a autoria do texto, vale salientar que não há provas que o contestem, há sim, dúvidas sobre a veracidade dos acontecimentos. Por outro lado, vale clarear que durante o texto é possível perceber a ação do prefaciador e revisor acima referido, dessa forma, não temos um texto “puro, verdadeiro e ingênuo de um alemão, protestante, em uma espécie de auto de fé em suas agruras por terras insólitas, mas um texto que passou pelo crivo de um revisor e que nos parece ter objetivos bastante específicos” (FERREIRA DE LIMA, 2014).

Em nome de Hans, durante o prefácio, Dryander pede a Felipe de Nassau permissão para publicar a obra e dá motivos por ele e por Hans Staden, afirma que

² “Sobre a autenticidade do relato: atualmente, discussões sobre a autenticidade do relato, no sentido de ser verdade o que está escrito, são facilmente refutadas pelo fato de que as confirmações necessárias para essa validação não podem ser realizadas: Nessa ótica, tão importante quanto ser “verdade”, o que está escrito é a credibilidade que o leitor do texto atribui a ele. O mais interessante nessa leitura é compreendermos o que, para essa sociedade, seria aceitável ou desejável em um relato, ou seja, ele nos apresenta a própria forma como a sociedade se representa. Isso porque o fato de se publicar um texto que tem grande aceitação em sua época, ainda mais em um relato que se propõe verídico, revela-nos, em parte, algo sobre o que aquela sociedade aceita como real (FERREIRA DE LIMA, 2014)”.

Staden “quer unicamente servir a Deus e testemunhar sua gratidão pela graça recebida de sua libertação³”. Segundo ele, foi Deus quem o livrou dos perigos que passara, principalmente do risco de ser devorado ou morto.

O autor justifica que o pai de Hans Staden é honrado e o filho assemelha-se ao pai, dizendo que conhece há mais de cinquenta anos e foram criados na mesma cidade. Além disso, recorda que Hans sempre usou palavras simples sem interesse de promover-se ao expor seu relato. Portanto, apresentava ao monarca, características que tornava o relato desprovido de interesses, são eles: não tem objetivo de promover-se; simplicidade de suas palavras; objetivo de levar ao conhecimento de todos a ação de Deus livrando-o de seus males; e não viajou como aventureiro, mas a serviço. (STADEN, 1974, 12))

Ao evocar a credibilidade de Staden no prefácio, Dr. Dryander antecipa aquilo que durante o texto é evidente: a representação que faz de si é de um homem dotado de inúmeras virtudes, principalmente a coragem, pois, em hora nenhuma ele exita ou é marginalizado. Expresso como profundamente religioso, confia em sua fé e ela opera em seu favor, mas conta com a sorte e com a sua astúcia. (FERREIRA DE LIMA, 2014)

Ainda durante o prefácio, já em seu encerramento, Dr. Dryander⁴ apresenta seus para levar o texto a prensa: convencer pessoas instruídas da veracidade dos relatos para que altere-se a visão comum de que todos os relatos sobre terras distantes são falsas, desenvolvendo um paralelo entre a ciência e o senso-comum afirmando que diversas vezes aquilo que o público simples considera absurdo a ciência prova como verdadeira.

³ Acreditamos que a perspectiva de afirmação do protestantismo foi um dos motivos de estímulo à publicação da obra de Staden, que não teria condições de arcar com as altas despesas para fazê-lo, ainda mais com a quantidade de imagens que encontramos nas edições originais. Para além do inóspito, da emocionante narrativa dos meses em cativeiro, essa é, ao menos para o período em que foi publicado, uma obra registrada entre os livros proibidos no Index da Igreja Católica. Afinal, esse relato tem, de forma marcante, uma prova “indelével” de que a nova fé (protestante) também salva (FERREIRA DE LIMA, 2014).

⁴ É importante ressaltar que o personagem literário não pode ser visto apenas como uma espécie de marionete do Dr. Dryander, e mesmo defendendo a ideia de que o livro sofre a influência dele, não podemos deixar de notar o tom coloquial e a linguagem simples do texto: seu imediatismo nos mostra um autor não preocupado em parecer erudito, mas em fazer uma versão verossímil de seu contato com os índios. (FERREIRA DE LIMA, 2014)

Enfim, há um interesse científico de valorização da academia para lograr apoio de europeus reconhecidos por sua intelectualidade.

Doutor Dryander o prefácio demonstrando a perspectiva de Hans em promover a sua visão religiosa de que Deus atende o pedido do que sofre, não a todos, mas ao piedoso que a Ele se confia verdadeiramente. Como diz o próprio Dr. Dryander: “Hans Staden tomou para si a tarefa de louvar e agradecer a Deus com o relato e a publicação de suas aventuras”.

O texto produzido por ambos, independentemente de quem mais influencia, não é gestado na aldeia durante os acontecimentos, mas tempos depois do outro lado do oceano e inúmeras traduções que naturalmente alteraram a perspectiva original do texto produzido.

Durante a viagem que sucumbiria no naufrágio, vemos a tripulação da embarcação que trazia Hans Staden ao Brasil elevando a Deus suas preces a cada tempestade e isso permite-nos uma primeira impressão acerca da forma como os europeus que aqui chegavam compreendiam de sua existência, apesar de não se tratar de religiosos ou padres eles demonstravam que a religião ocupava o centro de suas vidas como um coração a pulsar sangue por todos os cantos do corpo humano estando no centro dele, a metáfora do coração serve para duas coisas, a primeira é levar o leitor a compreender a centralidade da fé no horizonte quinhentista e também reconhecer que momento após momento os conquistadores revisitavam suas crenças para interpretar cada passo que davam nas novas terras (STADEN, 1974, 24).

No capítulo IV, temos “os selvagens tiveram muitas baixas, mas nós cristãos, não sofremos nenhuma” e isso possibilita-nos reconhecer a quem Deus defendia nessa aporia segundo os europeus.

Com o naufrágio (STADEN, 1974, 49) agradecem a Deus por ter permanecidos vivos, apesar de lançados a ermo e com riscos de serem aprisionados por índios truculentos, faz-se mister levantar a reflexão de que absolutamente nada poderia ocorrer sem que agradecessem a Deus, logo, a retórica religiosa sempre teria sucesso, exceto se acabassem morrendo, mas mortos não conseguiriam maldizer a Deus, portanto, verifica-se inquestionável qualquer posicionamento contrário a religiosidade vista como fator preponderante e positivo.

A partir da captura, Hans relata que os ditos selvagens pelo narrador pede a Hans que ore ao seu Deus para que a chuva e o vento não cause danos a

eles na viagem de retorno a tribo após o ataque a Bertioga e Staden faz a seguinte prece: “Ó todo-poderoso, Senhor do Céu e da Terra, que ouviste e ajudaste desde a aurora da humanidade, quando implorado teu nome. Mostra ao descrentes tua misericórdia. Faze-me saber se ainda estás comigo. Mostra aos selvagens pagãos que não sabem nada de ti que tu, meu Senhor, ouviste minha prece (STADEN, 1974, 63)” E a tempestade se dissipou, a partir desse relato vemos uma crescente relação entre a religiosidade de Hans e a relevância que sua divindade obtém diante da tribo de acordo com seus escritos.

Hans escreve sobre a crueldade dos seus raptos que falam sobre que parte de seu corpo haviam de comer e enquanto o europeu recorria a seu deus ouvia que sua divindade era uma “imundície”, conflagrando para Hans a condição de selvageria extrema e intolerância religiosa dos silvícolas (STADEN, 1974, 77-79).

Na narrativa a crença indígena no poder da divindade dos invasores, é relatada a partir do capítulo XXXIII até o fim da estada entre os gentios, pedem que Hans rogasse por eles junto ao deus dele para a cura de um enfermo. Não se apresenta nem aqui e nem em qualquer parte do texto seja por parte do europeu seja por parte do ameríndio uma condição comparativa entre suas divindades, em nenhum momento as divindades indígenas são consideradas para qualquer obra de cura ou libertação. A dúvida que se estabelece é: o autor pretende tornar nulo e insignificante a divindade dos seus anfitriões até mesmo para eles próprios?

O artilheiro alemão acredita ser capaz através de seu discurso religioso afugentar os Tupinambás de sua prática antropofágica condicionando o adoecimento em massa da tribo aos seus costumes de comer carne humana (STADEN, 1974, 88).

No mesmo capítulo ainda há duas situações intrigantes: a primeira refere-se a Carimã-cuí que estava arrependido de comer carne humana por medo de morrer e Guaratinga-açu que sonhou que Hans lhe dissera que havia de morrer, em ambos os casos Staden aproveitou para salientar o risco para vida comer carne humana; a segunda traz o pedido das mulheres idosas para que não morram, neste caso Hans demonstra que era evidente para elas que seu deus era muito mais poderoso que o dos portugueses, assim seu discurso reverbera que para os silvícolas era claro que Deus socorria muito mais os protestantes do que os católicos.

Em diálogo com Alkindar Miri, Hans sentencia: “que vocês os comam, me parece horrível, mas não me surpreende tanto que vocês os matem (STADEN, 1974, 89)”, ou seja, claríssima obsessão pela antropofagia.

Hans apela à racionalidade para novamente tentar impedir a convicção antropofágica: “Um animal irracional não come um outro igual a si, e um homem deveria comer um outro homem? Então Cunhambebe exclama: “Sou uma onça. É gostoso” (STADEN, 1974,113).

Na segunda parte, quando refere-se aos usos e costumes indígenas apresenta, segundo ele, os ídolos chamados maracás que consideram, no entanto, apenas no capítulo XXIII conhecemos sobre costumes religiosos Tupis, mas associa-os a feiticeiros, adivinhos e idólatras, aqueles mesmos levados à fogueira da Santa Inquisição na Europa. O artilheiro alemão ridiculariza os maracás como manifestações religiosas exaltando a fé cristã e exclamando “que gente tola e iludida”, encerra.

3.4.1 O rito antropofágico na descrição detalhada do Alemão (STADEN, 1974, 173-186)

Nos capítulos XXVII, XXVIII E XXIX da segunda parte de sua obra, aquela que se dedica a explicar os usos e costumes dos Tupinambás, Hans Staden relata desde “Como fazem planos quando querem empreender uma expedição guerreira em território inimigo” (STADEN, 1974, 170) até “Os costumes festivos dos selvagens ao matar e comer seus inimigos e “Com o que matam a golpes os inimigos e como tratam-nos (STADEN, 1974, 173)”.

Desse modo, é possível a partir do relato de Hans Staden, conhecer como se dá o processo de captura e depois sacrifício do inimigo, e destacam-se os atos consecutivos que são empenhados pela tribo para cumprir plenamente seu ritual mais importante.

O mais longo capítulo de sua obra dita cinquenta atos Tupinambás durante o ritual antropofágico, haja vista que, os feridos de guerra durante a batalha eram devorados no local. é um passo-a-passo que precisava ser repetido com qualquer prisioneiro que fosse devorado dentro daquelas condições:

1. Mulheres e crianças a bater na chegada do prisioneiro a aldeia.⁵
2. Colam penas cinza nele.
3. Raspam-lhe as sobrancelhas.
4. Dançar em volta atando-o.
5. Dão-lhe uma mulher que o entretém.
6. Produzem vasos aonde colocam o cauim.
7. Confeccionam penas e os amarram à maça com a qual o mata.
8. Fazem uma grande corda para amarrá-lo durante a execução chamada muçurana.
9. Decidem a data de sua morte.
10. Convidam as aldeias amigas para o festim.
11. Enchem os vasos produzidos com cauim.
12. Levam o prisioneiro ao descampado para dançar em torno dele.
13. O chefe da cabana dá as boas vindas ao visitante.
14. Um dia antes de beber, amarram a muçurana no pescoço dele.
15. Pintam a ibira-pema.
16. Pegam cascas de ovo da ave macaguá e passam na maça.
17. Uma mulher faz um desenho a partir do pó feito da casca na ibira-pema.
18. As mulheres ficam em volta e cantam.
19. Penduram a maça num travessão dentro de uma cabana desocupada.
20. Cantam a noite inteira em torno da maça.
21. Pintam o rosto do prisioneiro.
22. Quando começam a beber o cauim fazem vir o prisioneiro.
23. Fazem-no beber com os selvagens.
24. Descansam no dia seguinte e constroem para o prisioneiro uma barraca no lugar que irá morrer na qual ele passa a noite.
25. Antes do amanhecer do dia da execução dançam e cantam ao redor da maça até o raiar do dia.
26. Tiram o prisioneiro da barraca e desmontam-na.
27. Soltam a muçurana de seu pescoço e passam em volta do seu corpo puxando dos dois lados, deixando-o amarrado no centro.

⁵ STADEN, 1974. Todos os 50 pontos referem-se à Segunda Parte do texto de Staden nos capítulos XXVIII, XXIX E XXX.

28. Põe a frente dele pequenas pedras, para que possa atirá-las contra as mulheres que andam em torno dele dizendo que querem comê-lo ameaçadoramente.
29. Fazem uma fogueira a dois passos do escravo.
30. Sua mulher vem correndo a sua frente com a maça erguendo os ramos de penas gritando de contentamento
31. Um homem pega a maça e apresenta ao prisioneiro.
32. Aquele que o matará se afasta com treze que o pintam com cinzas.
33. Quando retorna recebe a maça.
34. O chefe da cabana chega pega a maça e passa uma vez entre as pernas do executor.
35. O matador pega a maça de volta e diz: “Sim, estou aqui, quero mata-lo porque a sua gente matou e comeu muitos dos nossos”
36. O prisioneiro lhe responde: “Tenho muitos amigos que saberão me vingar quando eu morrer”.
37. Nisto, o algoz golpeia o prisioneiro na nuca jorrando o cérebro.
38. Imediatamente as mulheres pegam-no e arrastam-no para a fogueira.
39. Arrancam sua pele.
40. Tapam seu traseiro para que nada escape.
41. Um homem segura-lhe e corta as pernas acima dos joelhos e os braços rente ao tronco.
42. Depois de esquartejado as mulheres andam em volta das cabanas com os quatro primeiros pedaços gritando de contentamento.
43. Separam as costas junto com o traseiro da parte dianteira.
44. Dividem tudo entre si.
45. As vísceras ficam com as mulheres que fervem-nas e com o caldo fazem mingau para dar as crianças.
46. As mulheres comem as vísceras e a carne da cabeça.
47. Após tudo dividido, voltam para casa com seus pedaços.
48. Aquele que matou atribui-se um nome.
49. O chefe da cabana faz uma incisão com dente de animal na parte superior dos braços.
50. Durante alguns dias fica deitado na rede e dão-lhe arco e flecha para passar o tempo

Também neste capítulo temos o maior conjunto de imagens que até hoje são as principais quando se retrata a Antropofagia, algumas delas mostrando o ato de comer carne humana e outras mostrando os utensílios utilizados.

3.4.2 Antropofagia tupi e o imaginário religioso europeu no relato de Lèry e Thevet

Jean de Lèry era um sapateiro estudioso de teologia que havia embarcado junto a alguns artesãos, em colaboração a tentativa de colonização empreendida por Vilegagnon na França Antártica, tendo como meta levar a Calvino informações sobre o Novo Mundo. Sua obra tem sucesso devido ao intenso consumo dessa literatura no século XVI. Em oposição a Thevet, padre católico, expõe sua ojeriza diante do texto do frade em cada capítulo escrito, além de observar os ritos e costumes indígenas. (LERY, 1980, 7)

Lèry nasceu em La Margelle em 1534 num período de intensa contenda entre os defensores da Igreja Romana e o Estado Absolutista, tendo Calvino anos antes fundado uma nova condição religiosa protestante fazendo de Genebra cerne desse movimento e nosso autor fazia parte desse grupo. Era tanto movido por seus ímpetos religiosos quanto por sua curiosidade, afirma Paul Gapfarel na notícia biográfica constada na própria obra. Vale ressaltar que a promoção dessa empresa não se dá por vontade protestante, mas por pedido de Vilegagnon respaldado pela coroa com o intuito de tornar mais francesa a colônia. (LERY, 1980,8)

Por outro lado, a condição religiosa do reino aonde vivia ainda é de uma massa católica que resiste a protestantização e nessa intensa batalha religiosa, oito guerras civis são perpetradas com atrocidades de lado a lado. Lery não considera-se fanático, mas fiel, estando incluso no cerco de Sancerre donde sobreviveu e escreveu “Narrativa ao Cerco de Sancerre”. (LERY, 1980,9)

O título original era:

Narrativa de uma viagem feita à terra do Brasil, também dita América, contendo a navegação e coisas notáveis vistas no mar pelo autor: a conduta de Villegagnon naquele país, os estranhos costumes e modos de vida dos selvagens americanos; com um colóquio em sua

língua e mais a descrição de muitos animais, plantas e demais coisas singulares e absolutamente desconhecidas aqui, cujo sumário se verá dos capítulos no princípio do livro. Tudo colhido no próprio lugar por Lèry, natural de La Margelle, Saint-Seine, ducado de Bourgogne, La Rochelle, Antoine Chuppin, 1578 – 1 vol. In 8º com gravuras de madeira, uma das quais repetida. (LERY, 1980,19)

A dedicatória de Lèry vai para o conde Francisco de Coligny cujo pai Gaspar de Coligny, havia sido um dos mentores da França Antártica, mas tem como ponto principal Cristo e sua nova fé, além de acusar Thevet.

Em seu prefácio, busca assumir um contraponto com relação à obra de seu adversário André Thevet “Singularidades da França Antártica” que vai ditar o ritmo de suas críticas durante todo livro. Esse conflito de textos representa simbolicamente um conflito maior e flagrante da época: a sangrenta batalha entre católicos e protestantes. Um dos seus principais argumentos refere-se a estada curta do frade dominicano e o exagero utilizado para referir-se às suas viagens na América. (LERY, 1980,24)

Encerra o prefácio apontando o outro grande objetivo de seu texto, responder a pergunta:

Qual a religião dos Tupinambás?”, que sintetiza: “... não lhes pode negar em que pese sua qualidade de homens naturais, uma inclinação comum para a compreensão de alguma coisa superior a todos, da qual dependem o bem e o mal (...). Mas quanto ao fim que constitui seu maior ponto de honra e é a vingança, o que reputa grande glória não só na vida presente como na futura. (LERY, 1980,24)

3.4.3 A religiosidade dos tupis e a relação com a religiosidade do europeu

Numa carta a Calvino escrita por Villegagnon e constada no texto de Lèry, o governador da França Antártica acentua essa condição de selvageria compreendida:

(...) o país era totalmente deserto e inculto, sem nenhuma cortesia nem humanidade, muito diferente de nós em seus costumes e instrução; sem religião, nem conhecimento algum da honestidade ou da virtude, do justo e do injusto, a ponto de me vir à mente a ideia de termos caído entre animais com figuras de homens”. (LERY, 1980, 43)

Disso comenta Lèry no primeiro capítulo que Villegagnon sempre fingiu zelo cristão e procurou persuadir com empenho a sua gente. Quando seus navios carregados de itens do Brasil, regressou à França, requisitou ministros religiosos (protestantes) para o ajudarem no processo colonizador, principalmente para a domesticação dos gentios. (LÉRY, 1980, 43)

Após o desembarque em terras americanas Lèry declarou “a causa principal que nos movera àquela viagem e a passar o mar em meio a tantos perigos para irmos ter com ele e aí erigimos nossa igreja reformada concorde a palavra de Deus” (LÉRY, 1980, 70) em seu sexto capítulo.

Lèry, indignou-se por inúmeras atitudes de seu governante, assevera sua crítica ao vê-lo adotar práticas católicas durante uma cerimônia religiosa, Villegagnon ajoelha-se e toma o pão e o vinho nas mãos e recita a prece católica que promove a transubstanciação segundo os papistas: “este é meu corpo, este é meu sangue”. Lèry recorda que Villegagnon negou no passado a conversão do pão e do vinho em corpo e sangue de Jesus, mas prossegue na crítica dizendo que alguns franceses “queriam assim, embora sem saber como fazê-lo, comer a carne de Jesus Cristo, não só espiritualmente, mas ainda materialmente, à maneira dos selvagens ‘guaitaká’, que mastigam e engolem carne crua (LÉRY, 1980, 78)”. Para ele, havia ali um retorno a selvageria católica e um distanciamento da iluminação protestante.

Por outro lado, Lèry, além de dar continuidade a disputa entre católicos e protestantes no campo teórico, também ao encontrar atitudes, segundo ele, não virtuosas nos indígenas, aproveita para exortar acerca de costumes europeus inadequados como se na citação abaixo:

Não é de meu intento, entretanto, aprovar a nudez contrariamente ao que dizem as Escrituras (...) sou contra os que a querem introduzir entre nós contra a lei natural, embora deva confessar, que, neste ponto, não a observam os selvagens americanos. O que disse é apenas para mostrar que não merecemos louvor por condená-los austeramente, só porque sem pudor andam desnudos, pois os excedemos no vício oposto, no da superfluidade de vestuário. Praza a Deus que cada um de nós se vista modestamente, mais por decência e honestidade do que por vanglória e mundanismo (1980, 103).

O tupinambá vai para a guerra por vingança, afirma Lèry, não para conquistar terras ou enriquecimento e “quando vão a guerra, ou quando matam com solenidade um prisioneiro para comê-lo (LERY, 1980, 97)” fazem sem qualquer ressentimento e por isso são comparados aos bárbaros que “insuflado pelo diabo, não podem perdoar-se uns aos outros”, diferentemente dos cristãos que devem perdoar as injúrias. (LERY, 1980, 148)

Ainda no Império Romano, Cícero afirmava que não existe povo que não tenha alguma ideia de Deus, Lèry concorda e assevera isso em seu texto trazendo seu próprio exemplo à baila. Primeiramente aponta que

Não tem nenhum ritual nem lugar determinado de reunião para a prática de serviços religiosos, nem oram em público ou em particular. Ignorantes da criação do mundo não distinguem os dias por nomes específicos, nem contam semanas, meses e anos, apenas calculando ou assinalando o tempo por lunações. Não só desconhecem a escrita sagrada ou profana, mas ainda, o que é pior, ignoram quaisquer caracteres capazes de designarem o que quer que seja. (LERY, 1980, 165)

E prossegue:

... devem louvar a Deus pela sua superioridade sobre os dessa quarta parte do mundo. Ao passo que os selvagens nada podem comunicar-se entre si a não ser pela palavra, nós, ao contrário, podemos nos entender e dizer os nossos segredos, por meio da escrita, pelas cartas que enviamos de um a outro extremo da terra. (LERY, 1980, 166)

Por fim, conclui:

Esses diferem dos brutos e que no mundo não existem homens mais afastados de quaisquer ideias religiosas. Ainda alguma luz atravessa as trevas de sua ignorância. Acreditam não só na imortalidade, da alma, mas ainda que, depois da morte, as que viveram dentro das normas consideradas certas, que são as de matarem e comerem muitos inimigos, vão para além das altas montanhas dançar em lindos jardins com as almas de seus avós. Ao contrário as almas dos covardes vão ter com Ainhã, nome do diabo, que as atormenta sem cessar (...). E acontecia que, sentindo-se amedrontados, prometiam crer em Deus. Mas passado o perigo zombavam do Santo, como se diz no provérbio, e não se recordavam mais de suas promessas”. (LERY, 1980, 166-167)

Ainda sobre essa dificuldade de cumprir palavra dada, Lèry recorda no capítulo XVI que após sua exortação contra a antropofagia, os silvícolas lhe prometeram findar a prática, o que se mostrou inconsistente, originando para ele a percepção da natureza corrupta daquele povo. (LERY, 1980, 175)

Lèry atacando os ateus de sua terra mostra que os tupinambás ao temer o mal professam a fé em Deus, o que não ocorre com aqueles. E ainda que estes ameríndios não acreditem na ressurreição da carne, Lèry recorda que os peruanos creem. Outrossim, todos no olhar de Lèry comungam da certeza na existência de uma divindade. (LERY, 1980, 168)

Por outro lado, o texto de Lèry comunica a seus leitores a relevância e influência dos pajés ou caraíbas relatando inclusive uma cerimônia religiosa existente de ciclos em ciclos de 3 ou quatro anos em que se reúnem dezenas dos ditos “feiticeiros” somados a centenas de índios homens. (LERY, 1980, 169)

3.4.4 Entre o horror protestante e o assombro católico na descrição da antropofagia

Frei Thevet nasceu em Angoulême na França em 1502 e morreu em 1592, de origem modesta não teve boa formação acadêmica. Tornou franciscano bem jovem, toma parte de uma expedição calvinista devido a sua curiosidade aventureira e permissão de Villegagnon. Apesar de muito lido em sua época, a veracidade de seu texto foi amplamente questionado. (THEVET, 1978, 8-21)

Assim como o protestante Lèry, o franciscano Thevet apresenta o mesmo discurso sobre a religião dos selvagens ao dizer que parte da natureza humana a crença em ao menos um arquiteto para tudo que existe. Entretanto, os silvícolas no relato de Thevet acreditam em tupã conferindo a esta comunicação com aqueles. (THEVET, 1978, 176-180)

A questão da guerra como vingança aparece fortemente no texto de Thevet, pois o selvagem vive em constante vingança e por isso é contrário dos cristãos, segundo André Thevet, porque “amar a vingança é o mesmo que odiar o próximo, o que totalmente repugna a lei”. (THEVET, 1978, 249)

Nas cerimônias funerárias apresentam-se no texto de Thevet comprovações quanto à crença na imortalidade da alma por parte do ameríndio, porque ao lamentar a morte de um guerreiro diz-se o seguinte:

Como destruiu tantos inimigos! Como era forte e possante, trabalhando bem os campos e apanhando caças ou peixe para o nosso alimento! Morreu! Nunca mais o veremos, senão após a morte, junto aos nossos amigos, na região onde já os viram os pajés, segundo nos contam! (THEVET, 1978, 261)

3.5 DA ANTROPOFAGIA AO IMAGINÁRIO RELIGIOSO

3.5.1 O imaginário religioso europeu que urge diante dos relatos da antropofagia tupi

Em diversas fontes leu-se acerca dos Tupis, da forma como está qual no trecho de Gabriel Soares de Souza “[...]e faziam-se cada dia cruel guerra, e comiam-se uns aos outros [...]” (FAUSTO, 384 apud 1987:300). Ou seja, apesar de múltipla a bibliografia, a belicosidade e a antropofagia destacavam-se em todos e como sabemos, retratam um mesmo cenário.

Os Tupis compreendiam essa terra como lugar de fartura, de ausência de trabalhos, imortalidade, sobretudo da guerra e do canibalismo “ela era o destino individual pós-morte dos matadores, daqueles que deixavam memória pela façanha guerreira; mas era também um “paraíso terreal” inscrito no espaço, em algum lugar a oeste ou a leste, que podia ser coletivamente alcançado em vida. Com a empresa jesuítica podemos claramente notar a proximidade do que foi dito àquilo que os jesuítas vinham promover, souberam apropriar-se desse discurso indígena como podemos descobrir nas prédicas de Anchieta e seus companheiros (FAUSTO, 386-386).

Por outro lado, também estava presente na cultura Tupi uma perspectiva religiosa que incorpora um paraíso após a morte, como verificamos no texto de Manoel da Nóbrega:

(...) com estranhos poderes e úteis objetos, os europeus foram associados aos grandes xamãs tupinambás, que andavam pela terra, de aldeia em aldeia, curando, profetizando e lhes falando de uma vida edênica (FAUSTO, 385 apud Nóbrega, 1988:99).

Por outro lado, os soldados da colonização com seu poderio militar, suas promessas e doenças “eram espécie de caraíba”, mesmo comunidades distantes, os conquistadores receberam uma condição especial na cosmologia indígena. Evidentemente os antigos xamãs nomeavam os que chegavam como portadores da morte, com exceção das vilas de descimentos, “os índios fugiam dos missionários deixando suas casas, queimando pimenta para espantar a morte, rogando-lhes que partissem sem lhes fazer mal (Ibid, 385-387)”.

A antropofagia além de possibilitar o acesso à eternidade após a morte permitia, agora do ponto de vista do mundo material, a aquisição de renome entre os seus e fama de guerreiro atributos necessários para a condição de chefe.

Essa belicosidade indígena, contudo, causava menos espanto aos colonizadores do que a razão declarada de seus conflitos: “todas as suas guerras”, escreve Thevet, “não se devem senão a um absurdo e gratuito sentimento de vingança” (1978:135). Vários cronistas, alguns deles sem esconder certa admiração pelo desinteresse material tupi reafirmaram este ponto: “é preciso primeiramente que se saiba que não fazem a guerra para conservar ou estender os limites de seu país, nem para enriquecer-se com os despojos de seus inimigos, mas unicamente pela honra e pela vingança”. (FAUSTO, C. 390 apud ABBEVILLE, 1975: 229)

Ao reportar tal crueldade sobre os costumes, denota-se o encobrimento do outro a crítica afirmando uma superioridade que advém de todo um imaginário criado e que está presente nas fontes estudadas até aqui. Esse encobrimento foi incansavelmente tratado pelos comentadores, principalmente do século passado, a destacar Tzvetan Todorov na obra “A conquista da América”.

O alimento peculiar da guerra é parte de uma estrutura sagrada que tem na antropofagia o cume de sua ritualidade mais genuína, o que fica comprovado quando se leva em conta a importância de tornar-se alimento para os outros, imaginário presente na mente do indígena da tribo estudada, que permite encontrar-se com o universo simbólico do devorador.

Dito isto, pode-se analisar o porquê da elevada importância dada por Staden a Antropofagia, o historiador francês Frank Lestringant dá vida a este problema quando ao avaliar a obra do filósofo Michel de Montaigne acerca da

conquista de um novo mundo, observa a identificação e a total similaridade das práticas, o que já fora observada também por outros estudiosos:

Diante da evidência simbólica da refeição de carne humana, sugere-se um paralelo entre o sacrifício em terras selvagens e a teofagia sagrada dos cristãos, de modo implícito, nas palavras desafiadoras do prisioneiro logo antes de morrer: "Estes músculos, diz ele, esta carne e estas veias são os vossos, tolos que sois; não percebeis que a substância dos membros de vossos ancestrais aí permanece: saboreai bem, e encontrareis o gosto de vossa própria carne" (Montaigne, I, 31, p. 212). "Invenção", conclui Montaigne, "que em nada sabe a barbárie." O prisioneiro retido pela corda se expressa um pouco como Jesus Cristo no Cenáculo, quando da consagração do pão e do vinho. Verifica-se aqui o mesmo uso do dêitico que na instituição da Ceia – "Isto é meu corpo", ou melhor, neste caso, "o vosso corpo" –, a mesma insistência na "substância" nutriz e salvadora do corpo ofertado e compartilhado. (LESTRINGANT, Frank. **O Brasil de Montaigne**)

A conquista do conhecimento histórico e antropológico se dá não somente através da pesquisa histórica dos documentos, registros e obras renomadas, mas muito pela capacidade do historiador e do antropólogo de invadir os espaços genuínos do imaginário do vivente da época, de modo que, invadido este imaginário seja possível conjecturar e analisar suas respostas culturais e tudo aquilo que foi escrito sobre determinado período.

Na obra "Terra de Canibais" a autora Zinka Ziebell defende que a colonização luso-hispânica pretendeu legitimar e impor os alicerces sobre os quais sua sociedade estava e se mantinha; alicerces estes que duravam dois mil anos.

Portanto, para entender como se deu a colonização tem-se que explicar o que eles eram, como eles eram e como eles olhavam, porque quando se analisa somente sob a ótica de como eles debruçavam sobre o 'Novo Mundo', vemos com preconceitos, pois olhamos com nossos olhos e não compreendemos que, assim como nós que somos de certa forma produtos de relações, eles também são frutos de relações de outras histórias, que fizeram que fossem do modo que eram e isso legitimou como eles colonizaram e olhavam para a terra descoberta. O espanto, a admiração e tudo o que foi trazido por eles advém de todo um arcabouço cultural longínquo e profundo que precisa ser contada para uma reflexão honesta e segura em relação a esse encontro do velho com o novo. (ZIEBEL, p.21)

A insegurança na localização do novo na história reflete a tensão que caracteriza o modo de ser e de pensar de uma época de transição onde aceitação e superação não se manifestam como categorias diametralmente opostas, mas transparecem num mesmo referente contextual na busca de sua integração. Essa dialética implícita é explicitada nos textos que formam o corpus a ser examinado nesse trabalho e que, por seu caráter genérico vacilam constantemente entre ficção e realidade e evidenciam a busca de síntese numa era de contradições. (...)Uma retrospectiva que alcança alguns milênios serve para confirmar a obstinação de homem quinhentista ocidental e sua lealdade aos padrões que lhe foram impostos, os quais transmite como forma de legitimação do objeto que persegue (ZIEBELL, p. 22).

Dessa forma, com Adone Agnolin no artigo “Antropofagia Ritual e identidade cultural entre os tupinambás” podemos destacar características da simbólica indígena que a coloca em choque com o imaginário religiosa europeu: à percepção indígena como aquele que caça e não como aquele que é caçado a partir do mito do jaguar, um animal destemido que é admirado pelos habitantes da floresta pela bravura e insubordinação a qualquer outro e a compreensão de que todos os seres vivos na morte são comidos, nem que sejam devorados pelos vermes, portanto, não haveria mais honra em ser devorado por seus pares e permanecer vivo na alma e no corpo deles ao invés de ser carcomido pelas pestes, doenças e morte natural.

O espanto do europeu a todo esse cenário, inclusive não se importando com os aspectos internos e transcendentais dos ritos, a verificar-se a partir dos inúmeros relatos dos cronistas dos primeiros encontros, como também pela sede missionária que procurava converter essa “selvageria”: o índio foi encoberto.

A historiografia ao privilegiar, ainda que a partir de uma visão ocidental, mantém o imaginário religioso indígena, esquece-se daquele que se horroriza. Ao criticá-lo, não faz senão o mesmo que os cronistas fizeram ao índio. Permitir trazer a baila os imaginários do europeu promove o verdadeiro entendimento acerca do encontro entre ambos.

A Europa vivia tempos turbulentos por conta das mudanças abruptas a partir de inúmeras situações políticas, econômicas e religiosas. O mundo não era mais o mesmo que outrora, agora as guerras religiosas dividiam a cristandade e a tradição de que a “religião é que legitimava o poder secular” não se afirmava sem a

unidade religiosa (GOULART, 2011). As tentativas de pacificação se davam sem sucesso e a Contra Reforma. Inclusive Rodrigo Goulart recorda que a tolerância em relação a diferença religiosa era pecado contra a caridade, pois quando um cristão caía em erro deveria ser advertido segundo o evangelho e isto valia a ambos os lados. Portanto, estava declarada a guerra de todos contra todos citando a Thomas Hobbes. Foram oito guerras civis na França e dez tentativas de paz partidas da Coroa Francesa para pôr fim à intolerância religiosa e civil.

Uma luta contra os hereges movia a mente daqueles que por aqui estavam e compreendiam a Antropofagia Tupi, seja a interpretação sobre ela em território europeu, seja por aquele que a viu de perto na aldeia. Enfim, tudo estava condicionado à imagem formada pelo homem que inaugurava a modernidade.

PARTE III
CONCEPÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM

4.1 POR QUE FAZER UM OBJETO DE APRENDIZAGEM?

O desenvolvimento de OA para meios tecnológicos passou a ser indispensável quando a internet e as tecnologias de informação e comunicação permitiram um novo caminho para aprender e ensinar. Isso justifica a necessidade e urgência da montagem desse OA que instrumentaliza professores e pedagogos a utilizar a tecnologia como um recurso de ensino e aprendizagem..

O nosso Objeto de Aprendizagem surgiu da pesquisa histórica feita e após ter sido verificado que a Antropofagia Tupi e a maneira como o europeu seiscentista olhou pra ela é um assunto que apesar de essencial para entender a empresa colonizatória é deixado de lado nos livros didáticos, como se fosse um assunto censurado, talvez pela profundidade antropológica necessária por parte do docente para enfrentar essa discussão sem recorrer a etnocentrismos ou a percepções errôneas do tema.

Desde 2017, temos levantado a necessidade da viabilidade e urgência dessa temática para melhor compreensão de todos, em especial do aluno de Ensino Médio, para tanto deu-se início a pesquisa e também a produção do OA esmiuçado na primeira parte.

Por fim, através de nosso OA, descortinar-se-á essa aventura antropofágica e sua centralidade para a tribo e para a construção do imaginário europeu sobre o índio para o aluno de Ensino Médio brasileiro, principalmente provindo de escola pública, pois o acesso ao Objeto é livre de qualquer custo e disponibilizado nas plataformas da Universidade Federal de Alfenas.

4.2 ORIGEM DOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM

Recursos digitais desde antes, mas principalmente após a deflagração da pandemia de Covid-19, passou a ter caráter de urgência na educação básica, além de manifestar-se como mecanismo ideal para a interação dos alunos e o objeto de conhecimento necessário.

A inclusão das Tecnologias de Informação e Comunicação, conhecidas como “TIC” na construção de objetos de aprendizagens ficou, quando foi instituída a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica

(Decreto no 6.755, de 29 de janeiro de 2009) e, posteriormente, o Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica (Portaria Normativa no 9, de 1o de julho de 2009). O Decreto no 6.755/2009 posicionou-se da seguinte maneira:

IX – promover a atualização teórico-metodológica nos processos de formação dos profissionais do magistério, inclusive no que se refere ao uso das tecnologias de comunicação e informação nos processos educativos (BRAGA, 2012).

O desafio de promover OA é difícil, devido ao tamanho da necessidade do campo pedagógico de novas ferramentas, e por conta dessa necessidade foi desenvolvido este OA. Esse desafio ainda é grande, considerando-se o tamanho da demanda a ser atendida. Aos estudantes que se depararão com o produto deste capítulo não somente terão acesso digital, mas um atendimento interativo por intermédio de nosso trabalho.

O uso TIC na educação, mais especificamente da Internet, tem permitido grandes alterações no ensino e na aprendizagem. Pois, o OA não é apenas a possibilidade de uso de um recurso digital, mas um novo método de tratar o processo de ensino-aprendizagem. Mas para o sucesso do OA é necessário que o aluno “conecte-se” a ele, e também o educador que faz a ponte entre o objeto e o educando precisa preparar-se para tanto.

A atemporalidade do objeto permite sua adaptação aos eventos mais recentes, pois, o reuso é um de seus objetivos, assim, novas ferramentas e atualizações são possíveis através de um primeiro OA.

4.3 OBJETIVOS E DIRECIONAMENTOS DESTE OBJETO DE APRENDIZAGEM

A necessidade de novos recursos digitais nos levaram a produzir um Objeto de Aprendizagem digital e a carência da abordagem sobre a Antropofagia Tupi e sua relação com o imaginário europeu que posteriormente vai empreender a colonização tornam-se as duas justificativas desse trabalho tal como dispõe-se.

Apresentar esse objeto também tem como objetivo apresentar um recurso a mais digital em um momento histórico que não há mais como negligenciar a necessidade de um planejamento que atenda uma ampla gama de atividades híbridas que ofereçam diversos meios de aprendizagem para os estudantes,

tornando o processo de ensino-aprendizagem muito mais prazeroso e muito menos sacrificial.

O papel do educador é essencial para que nosso Objeto de Aprendizagem tenha efeito positivo, pois, ele mediará a discussão proposta e oferecerá os recursos. Portanto, o planejamento da aplicabilidade deste recurso é fundamental e colocaremos adiante uma sugestão processual de apresentação do referido OA. Outrossim, o uso de tecnologias digitais é uma das competências da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), fazendo com que o uso de recursos digitais não seja uma mera possibilidade.

Além da Antropofagia e da compreensão do olhar europeu do século XVI, muitas outras questões paralelas a essas são consolidadas a partir desse OA. É possível conhecer o ritual Tupi, entender a maneira como as tribos estavam dispersadas no território durante o século XVI, conhecer os descobridores, suas características e objetivos diversos, etc, tornando esse Objeto de Aprendizagem ainda mais amplo

No Objeto de Aprendizagem que aqui apresentamos, o aluno tem um papel fundamental, ele é o sujeito do processo de conhecimento e seu interesse fará com que seja possível a apreensão do conteúdo. Sempre houve curiosidade com relação a esse tema e por isso, é uma contribuição adequada a que fazemos.

4.4 EMENTA DO CURSO

Nosso Objeto de Aprendizagem insere-se na grande área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, de acordo com a Nova Base Nacional Comum Curricular é a Competência Específica 4 de Ciências Humanas, com o EM13CHS401 que possui a seguinte descrição: “Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos”.

Assim sendo, é característica do nosso Objeto de Aprendizagem permitir que o estudante de Ensino Médio que tiver acesso a ele possa corresponder as expectativas e compreender adequadamente as relações entre sujeitos e sociedade de culturas distintas, além de identificar tais diferenças sem cair em qualquer etnocentrismo. A partir do momento em que ele acessar o link, poderá compreender

o que é a Antropofagia dos povos Tupi e conhecer o imaginário que permeava o pensamento europeu do século XVI e que o fez construir certa imagem acerca da Antropofagia Ritual, que até hoje nos influencia e nos projeta a condicionar os povos indígenas como propensos a selvagerias e aberrações.

Dará conta de acrescentar uma nova discussão durante as aprendizagens sobre a expansão marítima europeia e fomentará discussões que vão muito mais além da disciplina de História em si, tangiversando com Geografia, Filosofia, Linguagens, Sociologia, Literatura, entre outras.

4.5 OBJETO DE APRENDIZAGEM: LINGUAGEM TEXTUAL

Todo nosso OA embasa-se nas referências bibliográficas descritas ao final deste trabalho, no Objeto de Aprendizagem vem em formato de pequenos textos para a melhor compreensão dos alunos, áudios, vídeos, jogos e atividades para que assim o processo de ensino-aprendizagem seja mais frutuoso.

Os textos são essenciais, pois trazem em resumo tudo aquilo que queremos transpor aos alunos, inclusive, permitindo-o conhecer o ritual antropofágico em seus detalhes mediante a leitura dos “50 passos de um ritual Antropofágico”, retirado da obra “Duas Viagens ao Brasil de Hans Staden.

Desse modo terá sido levantado questões e consolidado ideias essenciais para a compreensão do tema açambarcado, permitindo que o sujeito adentre o ritual antropofágico sem melindres.

Além dos textos, teremos o vídeo que explicará de modo divertido o tema propostos e posteriormente, os jogos também terão seu papel de ensinar de modo lúdico, mas sempre tendo os textos, que estão bem fundamentados, como eixo norteador de todo o objeto de aprendizagem.

4.6 MÉTODO DE UTILIZAÇÃO DO OA

Nosso trabalho está disposto para durar 4 aulas, podendo ser estendido, sendo que o maior problema é a ausência de um tempo de qualidade de ensino, priorizando apenas uma produção em larga escala de conteúdos e assuntos independentemente de sua consolidação.

A aula inicia-se com uma primeira indagação: “Você sabe o que é a Antropofagia Tupi?”, permite-se uma discussão do tema, das palavras, do que já foi ouvido por parte do aluno, para então ser disponibilizado o link para seu acesso promovendo sua introdução ao Objeto de Aprendizagem.

Depois das apresentações iniciais, o aluno assiste ao vídeo e conhece de modo divertido e interativo o tema. Encerrando-se a primeira aula sobre o tema, levando em consideração o tempo de aula de 50 minutos.

Na segunda aula, já entronizado na dinâmica do Objeto de Aprendizagem e do assunto proposto, é o momento central de aprendizagem aonde será lido o texto principal, que possui inclusive disponibilidade de áudio, para quem preferir ou necessitar. Após lido ou ouvido, empreende-se a discussão sobre os pontos fundamentais, tendo alguns outros textos posteriormente apresentados e destinados a um maior aprofundamento do tema

A terceira aula consiste na leitura e comentário do Ritual Antropofágico descrito por Hans Staden nos capítulos 28, 29 e 30 de sua obra “Duas Viagens ao Brasil”, apresentada em 50 pontos a serem conhecidos passo-a-passo.

Por fim, a quarta aula apresentaria possibilidades de atividades interativas, como também a proposta de redação acerca do tema e que posteriormente pode ser transformada em atividades extras para os alunos. A redação permite ao professor perceber a consolidação das competências promovidas e também produzir um resultado multidisciplinar porque teria a companhia de diversas outras disciplinas participantes.

4.7 AVALIAÇÃO

Para o Objeto de Aprendizagem que aqui apresentamos, temos diversas formas de avaliar o aprendizado do aluno.

Primeiramente, é foco principal e inicial fomentar sua participação, demonstrando através da originalidade do assunto uma conectividade com o discente para que assim aprenda por curiosidade, sua participação se dará nas discussões propostas para as 3 primeiras aulas.

Posteriormente a essa participação altamente necessária, temos dois caminhos essenciais de avaliação: um deles é através das atividades lúdicas no

próprio link, aonde se disponibiliza diversas atividades interativas que complementar a busca de conhecimento. Por outro lado, haverá a produção de uma redação argumentativa-dissertativa na qual o aluno poderá ser avaliado, não apenas pela disciplina de História, mas também por outras, sendo então uma atividade multidisciplinar.

Com o tema: “Etnocentrismo, eurocentrismo e Antropofagia Tupi”, o aluno é levado a discutir tudo aquilo que foi visto durante as aulas, mas colocando em suas próprias ideias num texto que ele mesmo irá produzir.

Neste sistema, a avaliação não procura ser um fim, mas um meio para que o aluno consiga consolidar uma grande diversidade de novos conteúdos e discussões que o ajudará em diversas dimensões de sua vida e também em diversas disciplinas.

4.8 CARACTERÍSTICAS DO OBJETO DE APRENDIZAGEM

Segundo Juliana Cristina Braga “as características relacionadas à dimensão pedagógica fazem referência à concepção de objetos que facilitem o trabalho de professores e alunos, visando à aquisição do conhecimento”. Diante disso enumeramos alguns pontos essenciais presente em um OA que cumpra as expectativas: Interatividade, autonomia, cooperação, cognição e afetividade

Deve-se almejar interação entre o aluno e a OA na qual ele toma decisões e dá suporte a outrem, além de, devido a carga imagética do OA, desenvolver sua memória e motivá-lo a durante sua realização. (BRAGA, 2012)

Não obstante, podemos acrescentar outros pontos característicos dos OA ainda segundo Braga:

- Disponibilidade: indica se o objeto está disponível para ser utilizado.
- Acessibilidade: indica se o objeto pode ser acessado por diferentes tipos de usuários (ex: idosos, deficientes visuais etc), em diferentes lugares (ex.: lugares com acesso a Internet, lugares sem acesso a Internet etc.) e por diferentes tipos de dispositivos (ex.: computadores, celulares, tablets etc.).
- Confiabilidade: indica que o OA não possui defeitos técnicos ou problemas no conteúdo pedagógico.
- Portabilidade: indica se o OA pode ser transferido (ou instalado) para diferentes ambientes, como, por exemplo, diferentes tipos

de AVAs ou sistemas operacionais. • Facilidade de instalação: indica se o OA pode ser facilmente instalado caso ele exija esse recurso. • Interoperabilidade: medida de esforço necessário para que os dados dos OAs possam ser integrados a vários sistemas. • Usabilidade: indica a facilidade de utilização dos OAs por alunos e professores. • Manutenibilidade: é a medida de esforço necessária para alterações do OA. • Granularidade: de maneira geral, a palavra granularidade origina-se da palavra grão, sendo que quanto maior o número de grãos de um sistema maior a sua granularidade. Trazendo esse conceito para o âmbito dos objetos de aprendizagem, a granularidade é a extensão à qual um OA é composto por componentes menores e reutilizáveis. • Agregação: indica se os componentes do OA (grãos) podem ser agrupados em conjuntos maiores de conteúdos como, por exemplo, as estruturas tradicionais de um curso. • Durabilidade: indica se o OA se mantém intacto quando o repositório em que ele está armazenado muda ou sofre problemas técnicos. • Reusabilidade: indica as possibilidades de reutilizar os OAs em diferentes contextos ou aplicações. Essa é a principal característica do OA e pode ser influenciada por todas as demais. Ressalta-se que nem todo objeto de aprendizagem apresenta todas as características listadas. No entanto, quanto mais características ele tiver, maior a sua capacidade de reutilização. (2012)

O objeto de aprendizagem é uma estratégia e estratégias pedagógicas são os meios que o professor utiliza em sala de aula para facilitar o processo de ensino–aprendizagem, que incluem ideias pedagógicas que promovem as atividades.

4.9 FUNÇÃO DOS REPOSITÓRIOS

Todo OA produzido não somente permite de uma forma inovadora conhecimento ao estudante, como também para os produtores de OA em quaisquer épocas posteriores, pois o armazenamento destes recursos e a disponibilização para reuso faz com que ele não feche-se nele mesmo, mas possibilite novos recursos até mesmo para outros assuntos e área. Os bancos de dados são essenciais para o armazenamento e disponibilização dos OA. Dalziel (2002) descreve cinco atores diferentes envolvidos no ciclo de vida de um objeto de aprendizagem, sendo eles:

1. Autoridade: responsável por prescrever os objetivos de aprendizagem e resultados; 2. Criador: o autor do objeto de aprendizagem e/ou responsável por submeter o mesmo para a publicação; 3. Organizador: responsável por projetar atividades de aprendizagem e revisar as licenças e direitos autorais e de uso; 4. Buscador de Informação (Infoseeker): tem o papel de buscar por recursos de acordo com os metadados fornecidos; e 5. Aprendiz: aquele que irá utilizar os OAs e realizar as avaliações.

Ao longo dos anos os repositórios tem sofrido um processo de melhoramento, mas ainda limitado diante da demanda.

4.10 ACESSIBILIDADE DO OBJETO DE APRENDIZAGEM

Apesar de indispensável para os tempos atuais, a acessibilidade é um tema que ainda precisa galgar posições na sociedade atual. Todo e qualquer ambiente educativo deve favorecer a acessibilidade promovendo a participação das pessoas em condições de equidade, de modo que isso não é um privilégio e sim um direito. Com os OA não é diferente, pois todo objeto produzido, precisa contar com “rampas de acesso”, até porque não pode-se prever quem será aquele que disporá deste recurso, visto que é aberto, tanto para o acesso quanto para o reuso.

O uso de tecnologias para colaborar na inserção de pessoas com deficiência é uma área de conhecimento que inclui inúmeros serviços que propõe o alcance de independência por parte daquele que possui necessidades especiais promovendo uma melhor qualidade de vida e exercício de sua cidadania. São exemplos de recursos computacionais de:

- Computadores: computadores de mesa, notebooks, tablets e smartphones,
- Dispositivos de entrada: teclados convencionais, mouse e touch pad, além de teclados e apontadores alternativos, webcams, joysticks, scanners, microfones, telas sensíveis ao toque, luvas etc.
- Dispositivos de saída: monitor do computador, linhas braille (ou display braille), impressora convencionais e para o Sistema Braille, dispositivos de voz sintetizadas, leitores de telas etc.
- Dispositivos de armazenamento: pendrives, CD-Rom ou DVD-Rom.
- Aplicativos em geral: calculadoras, planilhas eletrônicas, editores de desenhos, editores de apresentação multimídia, calendários e

agendas, gravadores e reprodutores de som e vídeo, dicionário de palavras, comunicadores instantâneos, navegadores web etc. • Softwares especializados: ampliadores de telas, softwares para a produção de material em Braille, DOSVOX, ProDeaf etc. TA (MELO; PUPO, 2010)

4.11 AS DIFICULDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS DO OBJETO DE APRENDIZAGEM

Iniciada a confecção em infinitas áreas, os OA ainda estão em sua fase primária, pois não tem clareza dos objetivos pedagógicos que almejam muitas vezes. Pensar que o objetivo está mais na técnica do que na pedagogia é um problema. Não basta o software e o programa mais avançado, por se tratar de “aprendizagem”, os objetivos pedagógicos precisam ter o patamar central. A partir do momento em que está planejada a parte pedagógica aí sim está no momento de buscar os melhores recursos possíveis, os mais modernos para que o objeto não seja obsoleto para a nova geração, dessa forma fica garantida a reusabilidade deste objeto por cumprir o principal objetivo, a motivação em ampliar o conhecimento.

Há tantas outras dificuldades também como a não aplicação em sala de aula como teste, a ausência de informações suficientes para a contextualização.

Assim, deve-se buscar driblar essas dificuldades para construir um OA verdadeiramente válido que cumpra seus objetivos, tendo em vista todas as características já denotadas anteriormente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, o objeto de aprendizagem aqui exposto deseja permitir ao educando um melhor e maior acesso a uma temática que na maioria das vezes se vê negligenciada pelos livros didáticos: a Antropofagia Tupi e concomitante a isso a importância do Imaginário Religioso tanto indígena quanto europeu.

Desse modo, o atual objeto de aprendizagem, ainda em vias de adequação e melhoramento, permite o contato com um conteúdo central que na maioria das vezes é visto com preconceito, distanciamento e desconhecimento de sua centralidade.

Por fim, é possível observar tendo completado a atividade com o objeto de aprendizagem promove-se uma visão renovada das relações indígenas, em especial, de seus rituais e costumes.

REFERÊNCIAS

AGNOLIN, Adone. Antropofagia ritual e identidade cultural entre os Tupinambás. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 45, n. 1, p 55, 2002.

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984, 316-335 p. (Coleção Espiritualidade).

ALMEIDA, Sérgio Prates de. Mircea Eliade e a valorização do imaginário religioso. **Revista Eletrônica Correlativo**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 12, 2016.

ANCHIETA, José de. **Cartas**: informações, fragmentos históricos e sermões (1554-1594), São Paulo: Edusp, 1988 [1554 -68].

BRAGA, Juliana Cristina. **Objetos de aprendizagem**: introdução e fundamentos. Santo André : Editora da UFABC, 2014. 148 p. (Coleção Intera, v.1).

BRAGA, Juliana Cristina. **Objetos de aprendizagem**: metodologia de desenvolvimento. Santo André : Editora da UFABC, 2015. 163 p. (Coleção Intera, v.2).

CARDIM, Fernão. **Tratado da Terra e gente do Brasil**, 3.ed. São Paulo: Nacional. 1978[1625].

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org.). **História dos índios do Brasil**. – São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura: FAPESP, 1992.

DALZIEL, James *et al.* **Reflections on the colis (collaborative online learning and information systems) demonstrator project and the” learning object lifecycle**.

Disponível em:

<https://www.ascilite.org.au/conferences/auckland02/proceedings/papers/207>. Acesso em: 2021.

ELIADE, Mircea. **A Busca**: História e Significado das Religiões. Londres: Universidade de Chicago, 1969.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERNANDES, Florestan. **A função social da guerra na sociedade Tupinambá**. v. VI. São Paulo: Revista do Museu Paulista, 1952.

FERREIRA DE LIMA, Carlos Adriano. Hans Staden duplicado: leitura preliminar da personagem literária e cinematográfica. **Revista Paraibana de História**, Paraíba, v. I, n. 1, 2º semestre de 2014.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil**: história da província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

GOULART, Rodrigo. A intolerância religiosa na história: implicação para o campo educacional. *In*: XIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA PUC-RIO, 2011, Rio de Janeiro: Departamento de educação.

KANT, I. **Crítica da Faculdade do juízo**, 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2005. 89-112 p.

LERY, J. **Viagem à terra do Brasil**, São Paulo: Edusp, 1980. [1578].

LÉSTRINGANT, Frankl. **O canibal**: grandeza e decadência. Trad. De Mary Murray Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997, 285 p.

LÉSTRINGANT, Frankl. O Brasil de Montaigne. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 42, 2006.

MELO, A. M.; PUPO, D. T. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**: Fortaleza: UFCE, 2010.

NÓBREGA, Manoel da. **Cartas do Brasil (1549-1570)**, Belo Horizonte: Itatiaia, 1988 [1570].

MONTAIGNE, Michel. **Os ensaios**. Trad. Rosa Freyre D'aguier. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOVAES, Adauto (org.). **A outra margem do ocidente**. (2000). Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/329306758/A-outra-margem-do-ocidente-Adauto-Novaes-org-pdf>

SOARES DE SOUZA, Gabriel. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Nacional, 1987 [1587]. (Coleção Brasileira, 117).

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**, São Paulo: Edusp, 1974.

THEVET, André. **As singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

TODOROV, Tzvetan. Le Voyage et son récit. **Publicado em Les morales de l'histoire (TODOROV, 1995)**: Revista de Letras, v. 39. 1999.

VAINFAS, Ronaldo. **AMÉRICA 1492**: Encontro ou Desencontro?. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1993.

ZIEBELL, Zinka. **Terra de canibais**. Porto Alegre: Ed: Universidade/UFRGS, 2002.